

cinemateca

OUTUBRO 2024



JOSÉ NASCIMENTO
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: PAUL LEDUC
O MODERNO CINEMA DA BULGÁRIA
INDEPENDÊNCIAS NOS ARQUIVOS ITALIANOS
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

CINEMATECA JÚNIOR - SÁBADOS EM FAMÍLIA

Em outubro vamos conhecer o Mitko e o seu cão, um grupo de crianças para quem a ida à escola é uma epopeia digna de heróis gregos e uma dupla de estrolas bem conhecidos dos vossos bisavós, o “Bucha e Estica”, como foram chamados por cá. Todas estas personagens são servidas por filmes muito diferentes entre si, na origem, no tempo e no género. Afinal, é exatamente para isso que as cinematecas servem e se distinguem das outras salas de cinema, conservam e mostram filmes de todos os tempos, de todas as geografias e linguagens. “UM CÃO NA GAVETA” é um filme búlgaro dos anos oitenta. Um maravilhoso exemplo de ficção feito com e para crianças. Crianças, aliás, que não vamos esquecer tão cedo. Este filme lembra outros grandes filmes feitos com pequenos e à escala do pensamento infantil que já mostrámos por aqui, como por exemplo: LITTLE FUGITIVE, L'ARGENT DE POCHE, RENTRÉE DES CLASSES ou um filme checo que iremos mostrar em breve, KATIA ET LE CROCODILE. “A CAMINHO DA ESCOLA”, de Pascal Plisson, é um documentário recente sobre sete crianças de vários cantos do mundo: Quênia, Marrocos, Argentina e Índia, que ainda nos dias de hoje percorrem largos quilómetros diariamente para ir à escola. As histórias de vida dura que os vossos bisavós vos poderão ter contado sobre a sua infância (ou sobre a infância dos pais deles) ainda fazem parte do quotidiano de muitas crianças de hoje. Porque se trata de um documentário, os miúdos que vão ver na tela não são atores ou também o são, mas a representar o seu próprio papel e até parece que a realidade supera a ficção! Onde a realidade dificilmente ultrapassa a ficção é quando compete com histórias malucas como as das comédias da era do mudo. Este mês saiu-vos na rifa – e que sorte! – duas curtas-metragens do “Bucha e Estica”, da sua fase muda, porque este par sobreviveu ao nascimento dos *talkies* (cinema sonoro), no final dos anos vinte e andou a espalhar o caos até aos anos quarenta. EM BIG BUSINESS e WRONG AGAIN, ao som do piano da Catherine Mouriiseau, vão destruir duas casas, piano incluído. Na oficina de outubro desafiamo-vos a construir BRINQUEDOS ÓTICOS autómato, com materiais resistentes, quase à prova de “Bucha e Estica”.



BIG BUSINESS

▶ Sábado [12] 11h00 | Sala de leitura da Biblioteca

OFICINA

BRINQUEDOS ÓTICOS: UM AUTÓMATO TAUMATRÓPIO

conceção e orientação: Maria João Carvalho
duração: 2 horas
para crianças dos 7 aos 14 anos
preço: 4€ por criança
marcação prévia até 7 de outubro
para cinemateca.junior@cinemateca.pt

O taumatrópio é um brinquedo ótico muito antigo. Os autómato também são brinquedos antigos. Vamos impressionar amigos e família e juntá-los de modo original, com cartão, madeiras e arames. Vamos usar alicates e muitas ferramentas.

▶ Sábado [12] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

KUCHE V CHEKMEDZHE

“Um Cão na Gaveta”

de Dimitar Petrov

com Veselin Prahov, Martin Stoyanov, Emil Dimitrov

Bulgária, 1982 – 80 min / legendado eletronicamente em português | M/6

Mitko é um miúdo que não esqueceremos facilmente, nem aos vizinhos, nem ao cão. Este filme é um hino à infância e ao mundo de possibilidades do pensamento infantil que a vida adulta vai esquecendo ou pondo de parte. Levar um sapo para casa, tomar banho com ele na banheira e caçar insetos para o alimentar é o tipo de coisa que Mitko acha natural. Também acha natural sair com os vizinhos

para dar um passeio pelo bairro e regressar com um cão comprado a um desconhecido. Mitko é uma criança sem freio na imaginação e isso é lindo e solar, mas é também (e talvez por isso tão livre) uma criança só, entre uma mãe que trabalha o dia inteiro e um pai de fim-de-semana.

▶ Sábado [19] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

SUR LE CHEMIN DE L'ÉCOLE

“A Caminho da Escola”

de Pascal Plisson

França, 2013, 77 min – legendado eletronicamente em português | M/6

Jackson e a sua irmã Salomé do Quênia; Zahira de Marrocos; Carlitos da Argentina e Samuel, Emmanuel e Gabriel da Índia são sete crianças de cantos muito distantes do planeta unidas por um traço comum, a longa distância que percorrem diariamente para frequentar a escola. Este filme documenta o seu impressionante périplo a pé, a cavalo e de cadeira de rodas, que não são casos isolados e que nos dão a dimensão do esforço ainda envolvido para muitas crianças numa prática tão básica e essencial como ir à escola.

Sessão Descontraída

A sessão decorre numa atmosfera acolhedora, com regras mais flexíveis no que diz respeito ao movimento e ao ruído dos espectadores, e pode implicar pequenos ajustes na iluminação e no som, bem como no acolhimento do público, para melhor se adaptar às suas necessidades. Com a consultoria da associação Acesso Cultura.

▶ Sábado [26] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

SESSÃO LAUREL & HARDY AO PIANO

BIG BUSINESS

“Grande Negócio”

de James W. Horne

com Stan Laurel, Oliver Hardy, James Finlayson

Estados Unidos, 1929 – 9 min

WRONG AGAIN

Tudo ao Contrário

de Leo McCarey

com Stan Laurel, Oliver Hardy, Harry Bernard

Estados Unidos, 1929 – 24 min

duração total da projeção: 43 min

legendados eletronicamente em português | M/6

SESSÃO ACOMPANHADA AO PIANO POR CATHERINE MORISSEAU

Laurel e Hardy em BIG BUSINESS e WRONG AGAIN, duas curtas-metragens de 1929, ainda não falam, mas já deixam o seu usual rasto de destruição e caos por onde passam. Como vendedores de árvores de Natal não convencem ninguém, mas são mestres a detonar uma muito pouco natalícia orgia destrutiva. Também são ótimos em mal-entendidos como por exemplo: confundir um cavalo com um quadro...

ÍNDICE

CINEMATECA JÚNIOR	02
JOSÉ NASCIMENTO – NEM VERDADE, NEM MENTIRA	03
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: PAUL LEDUC E OUTRAS SESSÕES	07
INDEPENDÊNCIAS NOS ARQUIVOS ITALIANOS	11
O MODERNO CINEMA DA BULGÁRIA: DIÁLOGOS COM O PASSADO	12
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?	14
RAÚL RUIZ – A IMAGEM ESTILHAÇADA (PARTE III, CONCLUSÃO)	16
IN MEMORIAM AUGUSTO M. SEABRA (1955–2024)	17
WILLIAM KLEIN À LUZ DO CINEMA (SESSÃO DE ANTECIPAÇÃO)	17
DIA MUNDIAL DO PATRIMÓNIO AUDIOVISUAL	18
COM A LINHA DE SOMBRA	18
ANTE-ESTREIA	18
INADJECTIVÁVEL	18
CALENDÁRIO	19

▶ **CAPA REPÓRTER X** de José Nascimento [Portugal, 1987]

AGRADECIMENTOS

José Nascimento, Fernando Matos Silva, Margarida Gil, Mário Macedo, Ernie Gehr, Elsa Silveira Ramos (RTP Arquivos), Matthieu Grimault (Cinémathèque Française), Rosen Spasov e Angel Radev (Bulgarian National Film Archive), Anaïs Truant (Cinémathèque de Grenoble), Peggy Préau (Centre Simone de Beauvoir), Nathanaël Arnould (INA), Annalisa Ciampi (RAI), Kajsa Hedström (Swedish Film Institute), Bruno Roberti (Universidade de Calabria), Arquivo Audiovisivo Del Movimento Operaio e Democratico, Centro Sperimentale di Cinematografia, Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos, RAI TECHE, ICNOVA-UNL, Escola das Artes-UAL, Hangar – Centro de Investigação Artística, Miguel de Barros, Fundação Calouste Gulbenkian, Luís Lima, Reginaldo Almeida, José Manuel Costa, Augusta Conchiglia, Paola Scarnati, Giulia Strippoli, Luca Peretti, Luciana Fina, Mariano Mestman, Elena Bedei, Flora Gomes, Sana na N'Hada, Rodrigo Brum, Paulo Branco, António da Câmara Manuel, José Mazedra, Alexandre Melo, Luís Madureira, Nuno Vieira de Almeida, Ana Pissarra, João Pires de Campos (Flak), Fernando Vendrell, Paulo Soares.

Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, I.P.
Rua Barata Salgueiro, 39 – 1269-059 Lisboa, Portugal
Tel. 213 596 200 | cinemateca@cinemateca.pt
www.cinemateca.pt

JOSÉ NASCIMENTO – NEM VERDADE, NEM MENTIRA

Há cem anos, nos “loucos anos 20”, uma figura reinava na imprensa nacional, Reinaldo Ferreira, o famoso Repórter X. Mestre do sensacionalismo, detetive dos imaginários, especulador dos temores e dos tabus, a sua curta carreira inspirou José Nascimento a realizar a sua primeira longa-metragem de ficção, apropriadamente intitulada REPÓRTER X. Num dos diálogos mais inspirados desse filme, quando o repórter é questionado sobre a veracidade das suas histórias mirabolantes, este retorque, “não são nem verdade, nem mentira”. Eis o mote da retrospectiva dedicada a José Nascimento, realizador multifacetado que, ao longo de uma carreira que já conta com mais de 50 anos, sempre navegou as ambiguidades do real. Dono de uma das filmografias mais ecléticas do cinema português, a sua obra inclui filmes de época, policiais *noirs*, dramas realistas, filmes-ensaio, comédias musicais, aventuras infantojuvenis, filmes-ópera, documentários etnográficos, videoclipes, filmes-performance, cinema militante e várias outras formas híbridas. Em outubro será possível conhecer melhor a sua vasta e diversa produção.

Como tantos outros, José Nascimento começou o seu trabalho em cinema no Departamento de Fotografia e Cinema (os ditos Fotocines) dos Serviços Cartográficos do Exército – por ali passaram vários importantes futuros realizadores, jornalistas e apresentadores de televisão. Em 1969, parte para a Guiné como técnico de som, juntamente com José Luís Carvalhosa (imagem) e Fernando Matos Silva (realizador). Regressado a Portugal, trabalhou em televisão (programas *Ensaio e Impacto*) e como assistente de realização (de António-Pedro Vasconcelos, em PERDIDO POR CEM, e de Fernando Matos Silva, em O MAL-AMADO) até que chega a Revolução dos Cravos. Será a partir do grupo do exército, que se alargara com os trabalhos para televisão, que se formará a Cinequipa, a primeira das cooperativas cinematográficas fundadas após o 25 de Abril e uma das mais dinâmicas durante o período do PREC. Com a Cinequipa, e de forma coletiva, José Nascimento fará inúmeros documentários e programas televisivos de cariz político, nomeadamente no âmbito das séries *Nome Mulher* (programa sobre a luta pelos direitos das mulheres com autoria de Maria Antónia Palla e Antónia de Sousa) e *Ver e Pensar*. No entanto, Nascimento é um dos poucos membros da cooperativa a assinar documentários em nome individual, destacando-se ...PELA RAZÃO QUE TÊM! e TERRA DE PÃO, TERRA DE LUTA, dois registos preciosos sobre a Reforma Agrária no Alentejo, onde o realizador acompanha o movimento basista que levou às primeiras ocupações de terras e à luta dos camponeses contra o poder dos grandes latifundiários.

Após a desagregação da Cinequipa, José Nascimento realizou dezenas de programas televisivos e algumas publicidades entre o final dos anos 1970 e meados da década seguinte (séries como *O Caldo de Pedra*, *Viagem*, *Binário*, *Vamos Jogar no Totobola e Ecran*), de onde se destaca o trabalho experimental com a Juventude Musical Portuguesa e um memorável retrato de Manoel de Oliveira que, em 1981, celebrava os seus cinquenta anos de carreira de cineasta (documentário correalizado com o crítico Augusto M. Seabra e que provocaria o fim da sua relação de trabalho com a RTP, por desacordo com a então direção de programas do canal). Foi professor de montagem da Escola de Cinema ao longo de grande parte da década de 1980, sendo um dos mais reputados montadores portugueses – montou filmes de Luís Filipe Rocha, José de Sá Caetano, José Álvaro Morais, Alberto Seixas Santos, João Botelho, Pedro M. Ruivo, Sérgio Tréfaut, Fernando Vendrell, entre outros.

Além do já referido REPÓRTER X, onde o realizador reinventa os anos 1920 em Portugal à luz do “frágil” cosmopolitismo lisboeta dos anos 1980 (e onde Joaquim de Almeida se estreia no cinema nacional), José Nascimento assinou – até ao dia de hoje – cinco outras longas-metragens de ficção. A mais célebre (nacional e internacionalmente) é TARDE DEMAIS, filme de sobrevivência desesperada que se baseia na história verídica de um naufrágio no Mar da Palha onde morreram dois homens em 1995, nas vésperas da Expo 98. Depois deste, com argumento coassinado com Alberto Seixas Santos, realiza LOBOS, filme que lança a atriz Catarina Wallenstein e que se apresenta com uma continuação das mesmas preocupações de TARDE DEMAIS – a pequenez do ser humano face à violência do mundo. Mais recentemente, com CASA FLUTUANTE (coescrito com Ana Pissarra),



© MARIANA VIEGAS

o realizador regressa ao Alentejo num filme que cruza *A Jangada*, de Jules Verne, com a *Viagem Filosófica* à Amazônia do explorador português Alexandre Rodrigues Ferreira, estabelecendo um paralelo entre o Rio Amazonas e o Rio Guadiana. Assinou ainda dois telefilmes muito pouco vistos, o elegante retrato da decadência do marcelismo, *HORA DA MORTE* (protagonizado por Rui Morrison, parte da série *Crimes Portugueses* escrita por João Mário Grilo e Paulo Filipe Monteiro), e o divertido *RÁDIO RELÂMPAGO* (estreia de Nuno Markl na escrita para cinema).

Ao longo da última década, o realizador tem-se dedicado ao documentário. Assinou um tocante retrato do amigo e colega, o realizador José Álvaro Morais, o filme *SILÊNCIOS DO OLHAR* – sendo que, em diálogo com este filme, apresenta-se igualmente *O BOBO*, filme de Álvaro Morais montado por José Nascimento. Além desse, correalizou ainda dois documentários (com Ana Pissarra) sobre a relação de Portugal com as suas antigas colónias, nomeadamente através do património arquitetónico modernista de Moçambique (*BRISA SOLAR*) e os vestígios culturais ibéricos na Mauritânia (*NAÇARA, UMA E OUTRA VEZ*, filme que terá a sua estreia absoluta na Cinemateca).

Ao longo de quinze sessões, que decorrerão durante a primeira quinzena de outubro, apresentar-se-á uma amostra da extensa filmografia de José Nascimento numa lógica de choques e continuidades, onde filmes de diferentes épocas e produzidos em contextos muito distintos estabelecem correspondências mais ou menos inusitadas. Entre trabalhos para cinema, televisão, galerias de arte e edições de DVD, a obra de José Nascimento é apresentada em toda a sua heterogeneidade formal e narrativa. Uma obra que leva ao limite as lógicas programáticas do cinema de autor, propondo um entendimento pragmático e anti-dialético do mundo: *nem verdade, nem mentira*. Em novembro, a Cinemateca lançará um catálogo sobre a filmografia de José Nascimento que contará, além de uma extensa entrevista com o realizador, de inúmeros documentos e fotografia, com contributos de, entre outros, colaboradores próximos (atores como Adriano Luz ou Vítor Norte, de músicos como Nuno Vieira de Almeida, Luís Madureira ou Flak e de colegas, como Bruno de Almeida, João Viana ou Fernando Vendrell) e críticos e programadores de cinema (António Roma Torres, Francisco Ferreira, Luís Miguel Oliveira, Maria João Madeira, Ricardo Vieira Lisboa ou Vanessa Rato). O lançamento, agendado para dia 29 de novembro, será seguido pela exibição da nova cópia digital restaurada de REPÓRTER X. O realizador acompanhará as várias sessões do Ciclo.

► Terça-feira [01] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

PILOTOS DA BARRA

de José Nascimento
Portugal, 1980 – 11 min

TARDE DEMAIS

de José Nascimento
com Vítor Norte, Adriano Luz, Nuno Melo, Carlos Santos,
Francisco Nascimento, Ana Moreira, Rita Blanco
Portugal, 2000 – 95 min
duração total da projeção: 106 min | M/12

Um grupo de pescadores sofre um acidente em pleno rio Tejo, ficando isolado num pequeno mouchão. Com Lisboa em fundo, TARDE DEMAIS retrata o desespero daqueles homens para quem a salvação parece estar tão perto, mas também tão longe. O argumento do filme, coescrito por Nascimento e João Canijo, partiu de um acidente verídico. “Contra o passado mistificado era possível contar esta tragédia absurda: pescadores que morrem no Mar da Palha, diante de Lisboa, sem socorro, a cinco anos do ano 2000. Há qualquer coisa de político neste meu gesto, sem nunca ter precisado de cair na mensagem, no panfleto” (José Nascimento). Uma das produções mais complexas e difíceis da História do cinema português e um dos retratos mais perturbadores da impotência do ser humano perante a Natureza. A abrir a sessão, exhibe-se um episódio da famosa série *Vamos Jogar no Totobola* realizado por José Nascimento. TARDE DEMAIS é exibido em nova cópia digital produzida a partir de digitalização em formato 4K no âmbito do projeto FILMAR.



TERRA DE PÃO, TERRA DE LUTA

► Quarta-feira [02] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

NAScer, VIVER, MORRER. PARADINHA MOIMENTA DA BEIRA

de Cinequipa [José Nascimento]
Portugal, 1975 – 36 min

HORA DA MORTE

de José Nascimento
com Alexandre Pinto, Rui Morrison, Joana Seixas,
São José Lapa, José Meireles, Carlos Santos
Portugal, 2002 – 76 min
duração total da projeção: 112 min | M/12

No pós-25 de Abril, José Nascimento foi um dos membros fundadores da cooperativa de cinema Cinequipa. Aí desenvolveu uma prática de cinema militante, nomeadamente através dos filmes produzidos para a RTP. No âmbito da série *Nome Mulher* (da autoria de Maria Antónia Palla e Antónia de Sousa), Nascimento filmou o quotidiano das mulheres de Paradinha, aldeia pertencente ao concelho de Moimenta da Beira, focando particularmente os aspetos relativos à maternidade e à sua vida familiar. Em diálogo com este retrato das difíceis condições de vida no interior do país durante a ditadura, apresenta-se *HORA DA MORTE*, filme igualmente produzido para a RTP (por Paulo Branco), no âmbito da série *Crimes Portugueses*. Originalmente escrito por João Mário Grilo e Paulo Filipe Monteiro, *HORA DA MORTE* conta a história de um jovem futebolista que, vindo do interior, chega a Lisboa e encontra num reputado juiz um protetor que evita que este seja enviado para a guerra em África. Um filme que retrata a sociedade portuguesa durante a decadência do marcelismo. *HORA DA MORTE* é exibido pela primeira vez na Cinemateca.

► Quinta-feira [03] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

TERRA DE PÃO, TERRA DE LUTA

de José Nascimento
Portugal, 1978 – 69 min

T2QUARTOANDAR

de José Nascimento
com João Galante, Ana Borralho, Nuno Melo, Sara Vaz
Portugal, 2004 – 43 min
duração total da projeção: 112 min | M/12

Produzido pela Cinequipa, com comentário de Vítor Matias Ferreira e locução de Joaquim Furtado, *TERRA DE PÃO, TERRA DE LUTA* é uma das produções de militância cinematográfica do período pós-revolucionário. José Nascimento, que no mesmo ano participou na produção coletiva da Cinequipa, *CONTRA AS MULTINACIONAIS*, filmou aqui o processo da Reforma Agrária. As palavras de ordem de partida são um *slogan*, entretanto bem conhecido: “A terra a quem a trabalha.” Em jeito de contraposição às vastas paisagens alentejanas, um filme concentracionário e obsessivo, *T2QUARTOANDAR*, que José Nascimento realizou a convite do festival Temps d’Image, estabelecendo uma parceria com o coreógrafo e *performer* João Galante. É a história de um apartamento vazio e dos personagens

que o visitam e habitam. “Um filme sobre a realidade que escolhemos ver e o que escolhemos colocar de parte e preferimos não ver” (José Nascimento). *TERRA DE PÃO* será exibido em nova cópia digital produzida no âmbito do PRR.

► Quinta-feira [03] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

MANOEL DE OLIVEIRA: 50 ANOS DE CARREIRA

de Augusto M. Seabra, José Nascimento
Portugal, 1981 – 51 min

TV ARTES [EXCERTOS]

de Alexandre Melo, Isabel Colaço, José Nascimento
Portugal, 1993 – 60 min
duração total da projeção: 111 min | M/12

COM A PRESENÇA DE ALEXANDRE MELO

Ao longo do ano de 1981 a televisão pública iniciou a emissão de um magazine de cinema. Chamava-se *Ecran* e os seus autores eram o crítico Augusto M. Seabra e o realizador José Nascimento. Ali, a dupla refletia sobre as estreias, os ciclos da Cinemateca (uma memorável retrospectiva de Fritz Lang), mas também sobre as questões da política do cinema nacional e as suas condições de produção (recorde-se o episódio-manifesto, *A SITUAÇÃO DO CINEMA PORTUGUÊS*). Produzido como um episódio especial (daí a diferença de duração e daí o fim da série, já que a direção de programas não aceitou a ousadia), os coordenadores assinalaram os 50 anos da carreira de Manoel de Oliveira, quando o realizador estreava *FRANCISCA* e se preparava para abandonar a famosa casa na Rua da Vilarinha. Mais tarde, entre 1992 e 93, Nascimento regressou à televisão como um dos realizadores de um outro importante magazine, desta feita sobre a cena artística nacional, visitando museus, galerias, feiras e bienais. Esse programa era o *Tv Artes*,

apresentado pelo crítico e curador Alexandre Melo. Nesta sessão apresentam-se algumas das “reportagens” de Nascimento, nomeadamente sobre a histórica exposição *10 Contemporâneos*, organizada pelo Museu de Serralves, ou a exposição que a Fundação Gulbenkian dedicou a Hélio Oiticica. A exibição de *MANOEL DE OLIVEIRA: 50 ANOS DE CARREIRA* integra também no Ciclo “In Memoriam Augusto M. Seabra” (ver nota na pág. 17).

► Sexta-feira [04] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

...PELA RAZÃO QUE TÊM!

de José Nascimento
Portugal, 1976 – 39 min

ECRAN – “A MÚSICA NO CINEMA”

de José Nascimento, Augusto M. Seabra
Portugal, 1982 – 25 min
duração total da projeção: 64 min | M/12

Logo após a queda da ditadura salazarista, nos primeiros momentos do PREC, ocorre na aldeia das Quebradas (junto a Rio Maior), uma das primeiras ocupações de terras no país libertado. É a primeira ocupação basista desse período. Logo após a recuperação das “terras que eram nossas e nos foram roubadas”, os trabalhadores elegem uma comissão e formam uma cooperativa. Sente-se que a luta de classes atingiu o auge. ...PELA RAZÃO QUE TÊM! é um caso raro de documentário de reconstituição, onde os próprios camponeses encenam os eventos marcantes dessa reivindicação, logo após o 25 de Novembro, quando muitas dessas operações estavam a ser revertidas. O filme, que conta com músicas de Zeca Afonso e Sérgio Godinho, é apresentado em diálogo com um episódio da série *Ecran* (desenvolvida por Nascimento com o crítico Augusto M. Seabra) sobre a música no cinema. Um percurso que vai do musical americano à música de intervenção no contexto do cinema português. ...PELA RAZÃO QUE TÊM! será exibido em nova cópia digital produzida no âmbito do PRR. *A MÚSICA NO CINEMA* é exibido pela primeira vez na Cinemateca, em cópia digital proveniente da RTP Arquivos.

► Terça-feira [08] 19h30 | Sala Luís de Pina

QUATRO EPISÓDIOS DA SÉRIE BINÁRIO

COM... ERIK SATIE (1866-1925) VAMOS SATIAR...

JULMAR’S

VIRGÍNIA E A PUBLICIDADE...

VINTE MINUTOS COM IGOR STRAWINSKY

de Juventude Musical Portuguesa, José Nascimento
com Luís Madureira, Constança Capdeville, João Paulo Santos, Nuno Vieira de Almeida, Carla Seixas,
António Wagner Diniz, Manuel Graça Dias, Júlio e Margarida Morgado Martins, Lia Gama, José Ribeiro da Fonte, Helena Vieira, Helena Afonso, Jasmim

Portugal, 1978-79 – 24, 28, 24, 23 min

duração total da projeção: 99 min | M/12

COM A PRESENÇA DE MEMBROS DA JUVENTUDE MUSICAL PORTUGUESA



CASA FLUTUANTE

Quando José Nascimento abandonou a cooperativa Cinequipa, em 1978, iniciou uma parceria com a Juventude Musical Portuguesa que resultou numa das mais estimulantes produções televisivas portuguesas desse final da década de 1970, a série *Binário*. Embora a JMP já tivesse sido fundada em 1948 (por Joly Braga Santos, João de Freitas Branco, Maria Elvira Barroso, entre outros), no pós-25 de Abril este dinâmico coletivo dava casa a uma nova geração de músicos e compositores: Constança Capdeville, António Wagner, Luís Madureira, João Paulo Santos, Nuno Vieira de Almeida, Carla Seixas, Manuel Graça Dias... A série durou um ano e dessa produção apresenta-se uma seleção de alguns dos seus melhores episódios: Erik Satie em diálogo com os desenhos de Jean Cocteau; uma sátira aos *jingles* publicitários em modo ópera operária; um retrato terno da última dupla de teatro de Vaudeville do Parque Mayer; e uma homenagem a Igor Stravinski. Os quatro episódios da série *Binário* serão exibidos em cópia digital proveniente da RTP Arquivos. São, todos, primeiras exibições na Cinemateca.

► Quarta-feira [09] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

A MÃO DADA

de Cinequipa [José Nascimento]

Portugal, 1974 – 21 min

MAR À VISTA

de José Nascimento

com Francisco Nascimento, Dinis Rey, Ana Padrão, Anamar, Marcello Urgeghe, José Wallenstein, Rita Nascimento, Leonor Keil

Portugal, 1989 – 50 min

duração total da projeção: 71 min | M/12

A MÃO DADA – jogo de palavras com o verbo “dar” e o movimento artístico “Dada” – é um dos episódios que José Nascimento realiza para a série *Ver e Pensar*, programa de cariz pedagógico que a Cinequipa produzia para a RTP no pós-25 de Abril. Escrito por Alface (João Alfacinha da Silva), o programa foca-se nas mãos e nos gestos do quotidiano, do trabalho e da criação artística. Este episódio estabelece uma correspondência com MAR À VISTA, telefilme que Nascimento realiza no âmbito da série *Fados* (importante programa de apoio aos novos realizadores da década de 1980 promovido por Fernando Lopes quando era diretor de programas da RTP). Quim, um jovem de vinte anos, viaja sem destino, até que encontra um adolescente que quer chegar a Sagres. Falam então de um tesouro escondido num barco afundado ao largo da Vila do Infante. Mas não são os únicos interessados no que se esconde nos destroços desse naufrágio. Ambos serão exibidos em cópia digital, proveniente da RTP Arquivos, e ambos são primeiras exibições na Cinemateca.

► Quinta-feira [10] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

JARDIM DAS FIGURAS

de Ensaio [José Nascimento]

Portugal, 1973 – 16 min

REPÓRTER X

de José Nascimento

com Joaquim de Almeida, Paula Guedes, Mário Viegas, Jorge Silva Melo, Suzana Borges, Eunice Muñoz, Fernando Heitor, Marcello Urgeghe, Teresa Roby, Rui Reininho, José Wallenstein, Pedro Cabrita Reis

Portugal, 1987 – 102 min

duração total da projeção: 118 min | M/12

Nesta sessão apresentam-se duas primeiras vezes: a primeira vez que José Nascimento filmou um “assunto” para o programa *Impacto* (a sua primeira realização) e a primeira longa-metragem de ficção do realizador, REPÓRTER X. *Impacto* era um magazine cultural normalmente composto por duas ou três reportagens de cerca de quinze minutos. Neste caso, trata-se de um passeio pelo barroco Jardim do Paço em Castelo Branco, acompanhado por uma narração escrita pelo jornalista Álvaro Guerra. Já REPÓRTER X inspira-se na personagem e nas ficções rocambolescas do popular “Repórter X”, Reinaldo Ferreira, figura mítica do jornalismo português dos anos 1920 cuja vida e obra descreve os nossos “loucos anos 20”. Fiel ao espírito da vida e obra de Reinaldo Ferreira, Nascimento realiza um filme marcado pelo policial e pelo mistério, seguindo o estilo folhetinesco do jornalista. O ambiente de REPÓRTER X, noturno e fantasista, recria o imaginário conturbado do entre guerras (com a ascensão dos fascismos) à luz da Lisboa cosmopolita dos anos 1980 – a Lisboa do Frágil.



REPÓRTER X

► Sexta-feira [11] 19h30 | Sala Luís de Pina

RÁDIO MACAU: CINCO VIDEOCLIPES DO ÁLBUM “8”

de José Nascimento

Portugal, 2008 – 25 min

RÁDIO RELÂMPAGO

de José Nascimento

com Carlos Afonso, Rui Morisson, Sofia Aparício, Bruno Bravo, Ana Zanatti, Nuno Melo, José Raposo

Portugal, 2003 – 90 min

duração total da projeção: 115 min | M/12

Em 2008, os Rádio Macau editaram o álbum 8 de um modo pioneiro: álbum-filme em formato CD-DVD. José Nascimento realizou um videoclipe para cada uma das canções do disco (e ainda outras três faixas surpresa). São pequenos filmes de natureza experimental onde o realizador explora as possibilidades das novas (e portáteis) câmaras digitais. Já RÁDIO RELÂMPAGO (escrito por Nuno Markl e produzido por Paulo Branco) prossegue, na filmografia de Nascimento, o interesse pela música – em particular pelo mundo da rádio. Um dia, dois locutores fartos de ouvir a música que os obrigam a passar, decidem bater com a porta. Reencontram-se numa rádio pirata de bairro, onde o mais velho revive a velha rádio da sua juventude e André, o mais novo, decide ir atrás dos seus sonhos de adolescente rebelde e procurar uma cantora mítica dos seus anos de pirata da rádio: a desaparecida vocalista das Guerrilheiras Carmesim (Sofia Aparício). Primeiras exibições na Cinemateca.

► Sábado [12] 19h30 | Sala Luís de Pina

LE JARDIN DES OISEAUX

de Ana Pissarra, José Nascimento

com Emídio Agra

Portugal, 2024 – 14 min

SILÊNCIOS DO OLHAR

de José Nascimento

Portugal, 2016 – 104 min

duração total da projeção: 118 min | M/12

José Nascimento foi o montador de O BOBO. José Álvaro Morais foi um dos argumentistas de REPÓRTER X. A relação profissional e de amizade entre os dois prolongou-se ao longo dos anos e evidenciava-se em pequenas colaborações e em referências secretas que se escondem nos filmes de cada um. Com a morte precoce de Álvaro Morais criou-se um vazio. Mais do que uma homenagem póstuma, SILÊNCIOS DO OLHAR é uma aproximação à intimidade do processo criativo do colega e amigo. É um filme que oferece um acesso privilegiado à sua obra, a partir dos filmes – eles mesmos – revistos à lupa, e a partir dos olhares de vários dos seus amigos e colaboradores (entre eles, Marcello Urgeghe, Ricardo Aibéo, Paula Guedes, Beatriz Batarda, Teresa Villaverde, Augusto M. Seabra e Vasco Pimentel). Um retrato onde se sondam temas e polaridades, ensaiando uma arqueologia das opções estéticas que recolocam José Álvaro Morais no centro do seu próprio cinema. A abrir a sessão, apresenta-se o mais recente filme de José Nascimento e Ana Pissarra (terminado mesmo a tempo desta retrospectiva), dedicado ao trabalho performativo que o artista Emídio Agra vem desenvolvendo ao longo da última década. Um objeto intrigante e misterioso.

► Sábado [12] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

ESPELHOS

de José Nascimento

Portugal, 1980 – 7 min

O BOBO

de José Álvaro Morais

com Fernando Heitor, Paula Guedes, Luís Lucas, Luísa Marques, Victor Ramos, Isabel Ruth, João Guedes, Glicínia Quartin, Luís Miguel Cintra, Raul Solnado

Portugal, 1987 – 125 min

duração total da projeção: 132 min | M/12



RÁDIO RELÂMPAGO

O projeto inicial de O BOBO, uma adaptação do romance homónimo de Alexandre Herculano, tornou-se, com o tempo, uma reflexão sobre a obra literária e a sua representação contemporânea. O filme é fascinante porque reflete, na sua construção, a passagem do tempo (acossado por inúmeras dificuldades de produção, o processo de feitura do filme foi longuíssimo – quase uma década entre o início da rodagem e a finalização) e as transformações da sociedade portuguesa nos anos a seguir ao 25 de Abril. É um filme sobre Portugal e um filme sobre o cinema. Nem de propósito, a sessão abre com ESPELHOS, um episódio da série *Vamos Jogar no Totobola* onde se exploram os efeitos especulares. Sessão em diálogo com o documentário SILÊNCIOS DO OLHAR, sobre José Álvaro Morais, exibido no mesmo dia às 19h00.

► Segunda-feira [14] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

GLÓRIA

de José Nascimento
com Nuno Melo, Catarina Wallenstein,
Manuela Couto, Francisco Nascimento

Portugal, 2006 – 29 min

LOBOS

de José Nascimento
com Nuno Melo, Catarina Wallenstein,
Francisco Nascimento, Maria João Luís, Vítor Norte,
Pedro Hestnes, Adriano Luz

Portugal, 2007 – 100 min

duração total da projeção: 129 min | M/12

Numa noite de inverno, Joaquim (Nuno Melo) convida o irmão, a mulher e a sobrinha para jantar. Um crime acontece e Joaquim foge com a sobrinha (Catarina Wallenstein). Num cenário inóspito e duro, marcado pela neve e pelo frio – a Serra da Estrela –, os dias e as noites sucedem-se numa fuga constante e numa ligação amorosa insustentável. Tal como dos seus outros filmes, José Nascimento diz que “LOBOS é um retrato dos portugueses e de um país adiado”. Um *road movie* desesperado coescrito com Alberto Seixas Santos. A sessão é precedida por GLÓRIA, filme da série *Contos de Natal*, baseado num texto de Raúl Brandão e igualmente protagonizado por Nuno Melo, Catarina Wallenstein e Francisco Nascimento – os dois projetos foram rodados costas com costas.



LOBOS

► Terça-feira [15] 19h30 | Sala Luís de Pina

A LUZ DE LISBOA

de José Nascimento
Portugal, 2001 – 8 min

BRISA SOLAR

de Ana Pissarra, José Nascimento
Portugal, 2019 – 79 min

duração total da projeção: 87 min | M/12

Produzido como uma série documental em três episódios, BRISA SOLAR é aqui apresentado na sua versão para cinema. Trata-se de um documentário sobre o património arquitetónico modernista moçambicano e, mais que isso, a forma como “os valores da democracia expressos pelo modernismo foram integrados pelas sociedades pós-coloniais”. José Nascimento coassina este documentário com Ana Pissarra (com quem escreverá CASA FLUTUANTE e correalizará o recente NAÇARA), um filme que se passeia “entre a delicadeza e o apocalíptico, viajando por Maputo e pela Beira à procura de pequenos e grandes acontecimentos quotidianos que desenham estes espaços pós-coloniais mestiços” (palavras dos realizadores). A abrir a sessão mostra-se A LUZ DE LISBOA, filme sobre a exposição *Um Esqueleto Entra no Bar* do pintor Paulo Lisboa.

► Quarta-feira [16] 19h30 | Sala Luís de Pina

ECRAN – “HITCHCOCK, PABST E ANA E ALEXANDRE”

de José Nascimento, Augusto M. Seabra
Portugal, 1981 – 24 min

CASA FLUTUANTE

de José Nascimento
com Carolina Virguez, Inês Pires Tavares,
Bernardo Mayer, Carla Maciel,
Vítor Norte, Gustavo Sumpsta

Portugal, 2022 – 110 min

duração total da projeção: 134 min | M/12

Rodado entre Portugal e o Brasil, CASA FLUTUANTE evoca os “refluxos do colonialismo português e da emigração ao mesmo tempo que aborda o imaginário da Amazônia do séc. XIX e a devastação e a desertificação contemporânea da floresta tropical”. Apresenta a história de Araci, uma

índia Ticuna que emigra para o Alentejo para viver com o marido e dar um futuro melhor à sua neta. No choque entre os valores culturais, Araci reinventa à sua volta um microcosmo onírico onde verá crescer Joana. Escrito por José Nascimento e Ana Pissarra a partir de um cruzamento entre *A Jangada*, de Jules Verne, e *Viagem Filosófica*, de Alexandre Rodrigues Ferreira, traçando paralelismos entre o Rio Amazonas e o Rio Guadiana. A abrir a sessão apresenta-se um episódio da série *Ecran* onde Nascimento e Augusto M. Seabra visitam a rodagem daquele que era o novo filme de António Reis e Margarida Cordeiro, “Ana e Alexandre”, depois re-intitulado simplesmente ANA. O episódio da série *Ecran* será exibido em cópia digital proveniente da RTP Arquivos.

► Quinta-feira [17] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

TAVIRA ISLÂMICA

de José Nascimento
Portugal, 2012 – 9 min

NAÇARA, UMA E OUTRA VEZ

de Ana Pissarra, José Nascimento
Portugal, 2024 – 68 min

duração total da projeção: 77 min | M/12

A retrospectiva da obra de José Nascimento culmina com a estreia absoluta do seu mais recente filme, NAÇARA, UMA E OUTRA VEZ, correalizado com Ana Pissarra. Um documentário onírico sobre os vestígios culturais deixados por Portugal na Mauritânia. Uma jovem deixa Silves e viaja pela Mauritânia, um país de nómadas atravessado pelo Saara, em busca da tribo de um avô distante. Segue as rotas traçadas, pela primeira vez, pelos europeus em 1547, quando João Fernandes atravessou o deserto para chegar às míticas e douradas cidades de Oudane e Chinguetti. No entanto, é confrontada com uma cultura muito diferente da sua, que conserva, na tradição oral, as alianças e disputas com os portugueses medievais. Mas o deserto é um vasto oceano, e tudo se sonha na areia. A abrir a sessão, como num espelho, apresenta-se o filme onde José Nascimento investiga os vestígios culturais deixados pelos povos árabes na cidade de Tavira.



NAÇARA, UMA E OUTRA VEZ



BRISA SOLAR

A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: PAUL LEDUC E OUTRAS SESSÕES

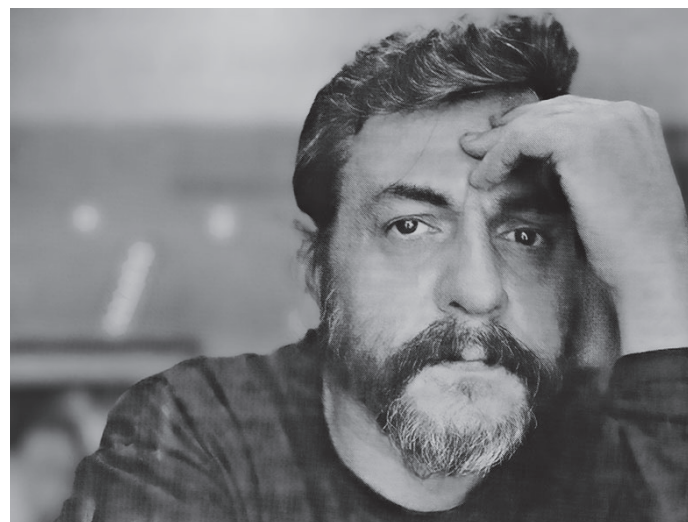
Dando continuidade à linhagem artística e política de anteriores programas de colaboração entre o Doclisboa e a Cinemateca Portuguesa dedicados à América Latina (Luis Ospina em 2018, Carlos Reichenbach em 2022), a primeira retrospectiva europeia de Paul Leduc (1942-2020), um mestre do cinema independente mexicano, preenche a maior parte das sessões da colaboração deste ano. Para além da retrospectiva Leduc, a Cinemateca acolhe novamente o Doclisboa com algumas sessões de outras secções não-competitivas do festival (Heart Beat, Retrospectiva Back to the Future, Da Terra à Lua). O crítico e programador Boris Nelepo (habitual colaborador do Doclisboa para as secções retrospectivas) assina o texto que se segue sobre Paul Leduc bem como as notas individuais sobre as respetivas sessões. À exceção de REED, MÉXICO INSURGENTE, todos os filmes de Leduc serão apresentados em cópias digitais e são primeiras apresentações na Cinemateca.

UMA DANÇA PARA MÚSICA DO TEMPO – RETROSPECTIVA PAUL LEDUC

Em colaboração com Ficunam e Fimoteca de la UNAM e com o apoio da Embaixada do México em Portugal

“Nascido numa família comunista na Cidade do México, Paul Leduc (1942-2020) estudou arquitetura e teatro antes de ir para França para o Instituto de Estudos Avançados de Cinema (IDHEC), onde descobriu o trabalho de Jean Rouch. Após regressar a casa, participou ativamente no movimento dos cineclubes, fez crítica e cofundou, com Alexis Grivas, Rafael Castanedo e Felipe Cazals, o coletivo Cine 70. A sua primeira longa-metragem, REED: MÉXICO INSURGENTE (1970), baseada no relato da Revolução Mexicana de John Reed, é um dos filmes-chave do Novo Cinema Mexicano. O curador Amos Vogel considerou-o ‘uma obra notável, ambígua, de grande subtilidade’ e incluiu-o no seu livro de referência *Film as Subversive Art*. Vogel resume a abordagem militante de Leduc: ‘Reed – que planeava ‘cobrir um acontecimento’ com que simpatizava – apercebe-se de que tem de participar; acaba por atirar uma pedra solitária a uma montra e torna-se num revolucionário’. O percurso de Leduc, que o levou a recusar as palavras, foi dedicado à procura de uma nova forma e de uma linguagem cinematográfica adequada para retratar a cultura latino-americana. Glauber Rocha foi um cúmplice importante nestas discussões. Leduc explicou: ‘O México tinha mais a ver com o que emergia de um criador como Juan Rulfo, um escritor do silêncio, do deserto, dos vales secos. O ritmo é muito diferente nos países onde existiram civilizações indígenas, a música demonstra-o’. Os seus filmes foram exibidos três vezes em Cannes (REED na Quinzena dos Realizadores, ETNOCIDIO, NOTAS SOBRE EL MEZQUITAL na Semana da Crítica, BARROCO em Un Certain Regard) e duas vezes na Berlinale (FRIDA no Fórum e LATINO BAR no Panorama) e COBRADOR participou na secção Orizzonti em Veneza. Todavia, durante muitos anos, foi difícil vê-los por não existirem cópias. A cartografia da obra de Leduc inclui Venezuela, Cuba, Argentina e Panamá. A sua última longa-metragem, COBRADOR. IN GOD WE TRUST (2006), foi em grande parte rodada no Brasil, inspirada pelas histórias de Rubem Fonseca e pelas canções de Tom Zé. Se os seus documentários são tratados sobre temas como a exploração do povo indígena otomi (ETNOCIDIO, NOTAS SOBRE EL MEZQUITAL, 1975) ou a guerra civil em El Salvador (HISTORIAS PROHIBIDAS DE PULGARCITO, 1980), o seu trabalho ficcional aborda a colonização mesoamericana na forma de musicais experimentais: BARROCO (1989), LATINO BAR (1990) e DOLLAR MAMBO (1993).

Com o passar do tempo, o ballet de olhares no cinema de Paul Leduc substituiu os diálogos e as canções tomaram o lugar dos mundos falados. Curiosamente, para a maior parte das suas obras visuais, o realizador aproximou-se de obras literárias, mais frequentemente de romances. Os livros de autores como Alejo Carpentier, Roque Dalton, Carlos Fuentes, Federico Gamboa e José Revueltas tornaram-se fonte de inspiração para os seus filmes. Entre as dezenas de projetos inacabados – infelizmente, Leduc conseguiu terminar muito menos filmes do que as ideias que tinha desenvolvido – encontram-se três tentativas falhadas (1974, 1994, 2014) de adaptar *Debaixo do Vulcão*, de Malcolm Lowry. No entanto, quase nenhuma das suas obras pode ser considerada uma adaptação, uma vez que Leduc



se envolve sempre em diálogos vivos com os textos, alterando-os, por vezes, de forma irreconhecível.

A experiência formativa inicial de Leduc, enquanto estudava teatro com o ator, encenador e coreógrafo japonês Seki Sano, que no seu exílio se tornou ‘um pai do teatro mexicano contemporâneo’, também permite compreender melhor o desenvolvimento da sua forma cinematográfica. Os diferentes tipos de estética teatral reaparecem constantemente no seu cinema. Até a animação 3D LOS ANIMALES (1994) começa e acaba com uma cortina de teatro. Embora vindo de um lugar e de um contexto diferentes, a sua procura pela linguagem ocorreu em paralelo com as obras de cineastas modernistas como Manoel de Oliveira, Werner Schroeter ou Raúl Ruiz.

O teatro baseia-se no sentido próximo do coletivo – e Paul Leduc entrou no cinema como parte do coletivo Cine 70, ainda não suficientemente exibido e pesquisado. Foi apenas em 2022 que Nicole Brenez e Paul Grivas apresentaram na Cinemateca Francesa a primeira retrospectiva deste movimento, intitulada *Ciné 70, groupe insurgé, Mexique 1967-1970*. Os seus primeiros documentários são por vezes difíceis de atribuir devido aos seus créditos muito humildes, mencionando apenas os nomes dos trabalhadores, sem separar os seus papéis na produção.

Desde SUR SURESTE: 2604 (1973) e EXTENSIÓN CULTURAL (1975), as câmaras, os ecrãs de cinema, os recetores de rádio e a televisão povoam os filmes de Leduc. O realizador atravessa espaço e tempo, mostrando-nos diferentes personagens escutando a mesma canção. Frida Kahlo vai a uma sala de cinema e assiste a notícias sobre a ascensão de Adolf Hitler ao poder, sob os aplausos dos espectadores que a rodeiam. Em DOLLAR MAMBO, o ecrã informa sobre o assassinato de uma dançarina de cabaret. COBRADOR aborda os novos tipos de imagens, incluindo as digitais, e termina com os atentados do 11 de Setembro. No cinema de Paul Leduc e nesta retrospectiva, todos estes acontecimentos ocorrem em simultâneo.”

Boris Nelepo

- ▶ Sexta-feira [18] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [23] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

REED, MÉXICO INSURGENTE

Reed: México Rebelde

de Paul Leduc

com Claudio Obregón, Ernesto Gómez Cruz,

Max Kerlow, Heraclio Zepeda

México, 1970 – 107 min / legendado em português e eletronicamente em inglês | M/12

Antes de *Dez Dias que Abalaram o Mundo*, John Reed foi ao México, para testemunhar a sua primeira revolução. O começo de Leduc, rodado de forma independente em 16mm, mostra a marcha da História de forma diferente. No seu livro de referência *Film as a Subversive Art*, Amos Vogel escreveu: “Acedemos às verdadeiras realidades da revolução mexicana (ou qualquer outra): calma e confusão, caminhos acidentados, morte inesperada, amizades repentinas e meias-ações sinuosas. O sentimento é anti-folclórico, anti-sentimental, anti-heróico e, como tal, mais próximo da realidade revolucionária”.

- ▶ Sexta-feira [18] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sábado [26] 19h30 | Sala Luís de Pina

CRÓNICA DE UN REVENTÓN

México, 1985 – 28 min

COBRADOR. IN GOD WE TRUST

com Peter Fonda, Lázaro Ramos, Antonella Costa, Milton Gonçalves, Dolores Heredia, Ruy Guerra

México, Espanha, Brasil, Reino Unido, Argentina, França, 2006 – 86 min

filmes de Paul Leduc

duração total da projeção: 114 min

legendados em inglês e eletronicamente em português | M/12

Leduc assinou os primeiros oito e o décimo primeiro dos 13 episódios de *Con la música por dentro*, série repleta de habitantes da Cidade do México – trovadores itinerantes, românticos boémios, *mariachis* – que tornam a aparecer em *¿CÓMO VES?*, filme-chave dos anos 1980 no México. Os verdadeiros reis do décimo primeiro capítulo são Álex Lora e Three Souls in My Mind (imediatamente antes de passarem a ser El Tri). Após uns anos de interdição do *rock*, entram de pleno direito num ginásio disfarçado de salão de dança à espera de alguma loucura *punk*. Que delícia vislumbrar a televisão mexicana no seu melhor em CRÓNICA DE UN REVENTÓN. Os caminhos de um garimpeiro brasileiro, um jornalista argentino, um polícia brasileiro e um magnata americano (Mr. X, interpretado por Peter Fonda) cruzam-se em COBRADOR. IN GOD WE TRUST, ficção baseada em cinco contos de Rubem Fonseca (*Passageio Noturno 1 & 2, O Cobrador, Placebo, Cidade de Deus* [1975–1997]), o único filme de Leduc no século XXI. O seu olhar implacável volta-se para a violência da globalização, mostrando a união entre todas as coisas num mundo contemporâneo. Leduc sempre esteve atento aos meios visuais e parte do seu pensamento sobre imagens digitais e de vigilância não difere muito do de Tony Scott. Por último, a música de Tom Zé é um antídoto fundamental.

- ▶ Sábado [19] 16h00 | Sala Luís de Pina

MESA-REDONDA – UMA REVISÃO DA OBRA DO AUTOR PAUL LEDUC

Esta mesa-redonda discute o impacto e a relevância da obra de Paul Leduc, referência incontornável no cinema latino-americano. Participam na conversa Maximiliano Cruz (diretor do Ficunam), Astrid Villanueva Zaldo (investigadora) e Boris Nelepo (programador pelo Doclisboa da retrospectiva).

- ▶ Sábado [19] 17h30 | Sala Luís de Pina

COMUNICADOS 1, 2 Y 4 DEL CONSEJO NACIONAL DE HUELGA

México, 1968 – 20 min

HURBANISTORIAS (SIC)

México, 1985 – 30 min

filmes de Paul Leduc

duração total da projeção: 50 min

legendados em inglês e eletronicamente em português | M/12

No verão de 1968, houve grandes manifestações na rua. “Não queremos os Jogos Olímpicos, queremos uma revolução.” Leduc, Rafael Castaneda, Óscar Menéndez e outros participaram no movimento, fazendo declarações públicas sob a forma de *cinétracts*, com base em fotografias (sobretudo de Héctor García), documentando a ação de um estado violento. Estes COMUNICADOS foram rodados em julho/agosto, para circular pelas universidades e reunir pessoas em auditórios para promover o debate político. Mais tarde, dez dias antes da abertura dos Jogos Olímpicos de Verão, os estudantes foram massacrados pelos militares. HURBANISTORIAS (SIC), sexto episódio da série *Con la música por dentro*, vai buscar o título ao único álbum de Rockdrigo lançado em vida. Bob Dylan local de rua, profeta com harmónica, cofundador com Jaime López de La Liga de Músicos Errantes y Cantantes Rupestres. *¿CÓMO VES?* conta com a sua presença graciosa, mas morreu antes de o filme ver a luz do dia. “Só havia canções, o que era suficiente. O que é que se pode dizer de Rockdrigo que ele próprio não diga? O físico dele, a forma de cantar. Não é um vídeo musical. Ele canta em vários sítios e nós filmámo-los.” (Paul Leduc)

- ▶ Sábado [19] 19h30 | Sala Luís de Pina
- ▶ Terça-feira [22] 19h30 | Sala Luís de Pina

PSICOPROFILAXIS

México, 1970 – 24 min

EXTENSIÓN CULTURAL

México, 1975 – 33 min

EL GENERAL CONSTANTE Y LA BELLA FÉFERES

México, 1985 – 29 min

LOS ANIMALES

México, 1994 – 28 min

filmes de Paul Leduc

duração total da projeção: 114 min

legendados em inglês e eletronicamente em português | M/12

Em PSICOPROFILAXIS seguimos o percurso de duas grávidas de classes diferentes. A mulher rica recorre ao método psicoprofilático de parto indolor, tendo orientação, preparação e apoio adequados durante todo o processo – também conhecido como método Lamaze, desenvolvido pelo obstetra francês após a sua visita à União Soviética nos anos de 1950 e ser influenciado pelas práticas de parto comunistas. Ironia da História? Por outro lado, a protagonista pobre só tem acesso a assistência médica genérica numa clínica pública. Excelente exemplo de cinema direto realizado por Leduc com Alexis Grivas. Durante o mandato presidencial de seis anos de Luis Echeverría Álvarez, a iniciativa da Secretaria de Educação Pública permitiu a Julio Bracho, Arturo Ripstein, Felipe Cazals e Leduc realizarem curtas. Leduc aproveitou esta encomenda como uma fábrica de imaginação do seu trabalho futuro em EXTENSIÓN CULTURAL. Nele encontram-se protótipos de cenas de BARROCO, *¿CÓMO VES?* e outras obras-primas. Cada cultura – seja artesanato, pintura, música (até a mezzo-soprano soviética Zara Dolukhanova, aparece!) – é uma extensão de uma história e de uma geografia. O cinema não é esquecido: numa façanha metanarrativa, uma equipa é incluída na pesquisa. Jaime López, autor de *El General Constante*, álbum delirante e marco do *rock* mexicano, e Cecilia Toussaint são as estrelas de EL GENERAL CONSTANTE Y LA BELLA FÉFERES, terceiro episódio da série *Con la música por dentro*. Ambos fazem parte do universo de Leduc. É impossível imaginar Los Animales sem as suas vozes. Aqui, ouvimos pela primeira vez a sublime *La Primera Calle de la Soledad*, escrita por López e imortalizada na voz de Toussaint. Não admira que precisamente essa canção junte vários tempos na gloriosa interpretação final de BARROCO. LOS ANIMALES é a primeira incursão na animação de Leduc e é uma odisseia de um século (1850 – 1950) na História coletiva através de canções infantis interpretadas por Óscar Chávez, Jaime López e Cecilia Toussaint (vide *¿CÓMO VES?*). A História de um país é, aqui, um sonho de um pardal triste em animações 3D primitivas. Paul Leduc cria um universo novo, procura uma linguagem envolvente para lá das palavras e convida públicos jovens para imaginarem o passado, e consequentemente o futuro, de outra maneira. Que poderia ser mais simples, mas simultaneamente mais profundo, do que mostrar as lutas e transformações sociais deste modo?



COBRADOR. IN GOD WE TRUST

- ▶ Sábado [19] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [25] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

ETNOCIDIO. NOTAS SOBRE EL MEZQUITAL de Paul Leduc

México, Canadá, 1976 – 131 min

legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

46% da população não tem acesso a água potável, 50,3% das mortes são causadas por doenças contagiosas e há um médico por cada 3020 pessoas. Esta é a realidade do povo otomi no Vale Mezquital (estado de Hidalgo). Com base na pesquisa do sociólogo Roger Bartra, o ensaio de Leduc analisa a sua situação económica, social, cultural e política. Uma História de genocídio dividida em capítulos de A a Z, um alfabeto de aniquilação sistemática da população indígena. Este filme profundamente político sem narração raramente é exibido, mas é um dos pontos altos do documentário latino-americano.

- ▶ Segunda-feira [21] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quinta-feira [24] 19h30 | Sala Luís de Pina

BACH Y SUS INTÉRPRETES

México, 1975 – 17 min

LA FLAUTA DE BARTOLO O LA INVENCION DE LA MÚSICA

México, 1997 – 27 min

PRIMER ENCUENTRO CONTINENTAL DE LA PLURALIDAD

México, 1992 – 56 min

filmes de Paul Leduc

duração total da projeção: 100 min

legendados em inglês e eletronicamente em português | M/12

Em 1975, apesar do sucesso de REED, Leduc permanece um autor em dificuldades com apenas uma longa. A Secretaria de Educação Pública encomenda-lhe três documentários educativos. BACH Y SUS INTÉRPRETES é uma das suas obras mais simples e, ainda assim, mais refinadas. Um registo de músicos a ensaiar que permite à câmara de Ángel Goded dominar a coreografia, que se viria a tornar na assinatura de Leduc. Os intérpretes são músicos prestigiados, como a soprano Guadalupe Pérez Arias ou a cravista Luisa Durón, mas também os trabalhadores invisíveis que constroem e afinam instrumentos. Em LA FLAUTA DE BARTOLO... uma personagem humana pré-histórica gerada por computador, descobre a música escutando o pássaro. Aperfeiçoa, de seguida, a sua arte ao longo dos séculos antes da chegada dos espanhóis. A obra de Johann Sebastian Bach e Wolfgang Amadeus Mozart repercute as descobertas anteriores. De acordo com a historiadora de cinema Roseli Rojo Posada, uma conversão de BARROCO (1989) para a linguagem da animação didática permite a Paul Leduc (com a ajuda da música de Héctor Infanzón) representar a América Latina enquanto território heterogéneo e complexo e propor uma História alternativa, baseada no conhecimento das comunidades indígenas. Entre 24 e 26 de abril de 1992, a Cidade do México acolheu o Congresso dos Povos Indígenas das Américas. Reuniu 51 grupos do estrangeiro e 33 grupos do país organizador. Paul Leduc documentou o evento em PRIMER

ENCUENTRO CONTINENTAL DE LA PLURALIDAD, sublinhando o seu carácter festivo ao mostrar a energia impressionante da música tradicional. Este filme aparentemente simples e pouco conhecido traz Leduc de volta a um dos seus temas principais. A tentativa de compreender o papel da cultura indígena é um aspeto fulcral do seu projeto cinematográfico. A possibilidade de registar este encontro breve e quase utópico permite aprofundar essa reflexão.

- ▶ Segunda-feira [21] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [25] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

HISTORIAS PROHIBIDAS DE PULGARCITO

de Paul Leduc

México, El Salvador, 1980 – 129 min
legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

Em 1974, um ano antes de ser executado, o poeta revolucionário Roque Dalton publicou uma análise sob este nome sobre a identidade salvadorenha. Quando eclodiu a Guerra Civil (que durou 12 anos), Leduc foi para El Salvador para dialogar com essa obra, reunindo testemunhos dos participantes no conflito. O resultado é um cinema militante de enorme importância histórica e política. Ou, nas palavras dele: “Elementos para conhecer, compreender e mostrar solidariedade com o povo de El Salvador”. Uma produção da Frente de Ação Popular Unificada da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional.

- ▶ Segunda-feira [21] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sábado [26] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LA PAUTA DE BARTOLO O LA MÚSICA DEL SIGLO XX

México, 1997 – 33 min

FRIDA, NATURALEZA VIVA

México, 1983 – 107 min

com Ofelia Medina, Juan José Gurrola,
Max Kerlow, Cecilia Toussaint

filmes de Paul Leduc

duração total da projeção: 140 min
legendados em inglês e eletronicamente em português | M/12

LA PAUTA DE BARTOLO... é o segundo capítulo de um projeto de animação em 3D para crianças que ensina a História e os princípios da música (e desta forma, para Paul Leduc, da História da humanidade e da sociedade). Chegamos ao século XX no macramê de imagens e canções mais complexo de Leduc. É a época de John Cage e Karlheinz Stockhausen mas também de Naná Vasconcelos e Tom Zé. O realizador reflete sobre o surgimento do cinema e sobre a televisão enquanto meio de comunicação, levando os concertos dos Beatles a todo o mundo em simultâneo (haverá um mundo? Esta dúvida quanto ao meio é um tema recorrente no seu trabalho). Uma despedida do século. 13 de julho de 1954: o caixão com o corpo de Frida Kahlo é trazido para o Palácio de Belas Artes. Diego Rivera cobre-o com uma bandeira comunista em FRIDA, NATURALEZA VIVA, a segunda e mais aclamada ficção de Paul Leduc. A sua abordagem barroca, semelhante à de Werner Schroeter, permite fugir às convenções do filme biográfico por meio de uma narrativa desarticulada e de um uso alargado de espelhos na encenação. Os reflexos são sempre importantes na obra de Leduc: quem olha para quem? Desde FRIDA que Leduc perde interesse pelas palavras e começa a empregar uma composição circular, abolindo o conceito linear de tempo.

- ▶ Terça-feira [22] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [23] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

MONJAS CORONADAS

México, 1978 – 12 min

BARROCO

México, Cuba, Espanha, 1989 – 107 min

com Francisco Rabal, Angela Molina,
Ernesto Gómez Cruz, Roberto Sosa

filmes de Paul Leduc

duração total da projeção: 119 min
legendados em inglês e eletronicamente em português | M/12

“Monjas coroadas” é um género de pintura cujo nome deriva de mulheres com coroas de flores na cabeça no retrato feito para honrar a profissão de monja. Usam frequentemente um “escudo de monja”, um crachá



MONJAS CORONADAS

decorado com uma imagem da Virgem Maria, ou flores. Este género barroco surgiu no século XVII e evoluiu ao longo de duzentos anos durante o período colonial da Nova Espanha. Numa visita ao Museu Nacional do Vice-Reinado de Tepetzotlán, Leduc mostra as peças da exposição *Monjas coronadas* com luz, música e narrativa. BARROCO é uma viagem fictícia pela História da Ibero-América através da sua música e dança. Inspirado no romance *Concierto barroco* (1974), de Alejo Carpentier, o filme é o primeiro de uma trilogia musical sem diálogos. Dividido em quatro andamentos, rejeita o desenvolvimento linear do tempo e da História, propondo uma odisseia metafórica em que a Guerra de Independência Cubana, a Guerra Civil Espanhola e a conquista do Império Asteca se sobrepõem e se espelham em óperas de Vivaldi e Graun dedicadas a Moctezuma.

- ▶ Terça-feira [22] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [23] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

RELIGIÓN EN MÉXICO: CHIAPAS

de Cine 70 (Paul Leduc)

México, 1968 – 22 min

LATINO BAR

de Paul Leduc

México, Espanha, Cuba, Venezuela, Reino Unido, 1990 – 100 min

com Dolores Pedro, Roberto Sosa, Ernesto Gómez Cruz

duração total da projeção: 122 min
legendados em inglês e eletronicamente em português | M/12

Chiapas é o estado mais meridional do México e abriga uma das maiores populações indígenas do país. Em 1868, os tsotsis revoltaram-se para proteger as suas crenças religiosas, mas a insurreição foi suprimida. Passados precisamente 100 anos, o coletivo cinematográfico Cine 70, cofundado por Leduc, vai à região, durante a Semana Santa, para registar as condições de vida dos habitantes e as atividades espirituais inspirado pela dissertação de William R. Holland *Highland Maya Folk Medicine: A Study of Culture Change*. LATINO BAR passa-se em Lago de Maracaibo, Venezuela. Uma mulher que trabalha num cabaré caribenho conhece um homem que acaba de sair da prisão num porto. Reconhecem um no outro sentimentos comuns de fúria e apaixonam-se. O romance naturalista de Federico Gamboa Santa (1903) foi a base da primeira longa-metragem sonora mexicana, SANTA (1932), de Antonio Moreno, e de uma segunda adaptação (1943) por Norman Foster. Leduc transformou este texto de referência numa parábola sobre os descendentes dos povos africanos e indígenas, uma dança noturna em que canções, sons, gestos e olhares substituem palavras – não são necessárias para expressar a raiva.

- ▶ Quarta-feira [23] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

COMUNICADOS 1, 2 Y 4 DEL CONSEJO NACIONAL DE HUELGA

México, 1968 – 20 min

REED, MÉXICO INSURGENTE

Reed: México Rebelde

com Claudio Obregón, Ernesto Gómez Cruz, Max Kerlow

México, 1970 – 107 min

filmes de Paul Leduc

duração total da projeção: 127 min
legendados em português e eletronicamente em inglês | M/12

(Ver notas nas páginas 7 e 8)

- ▶ Quinta-feira [24] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [25] 19h30 | Sala Luís de Pina

SUR SURESTE: 2604

México, 1973 – 23 min

DOLLAR MAMBO

com Dolores Pedro, Roberto Sosa,
Tito Vasconcelos, Kandido Uranga

México, Espanha, Suíça, Reino Unido, Cuba,
Venezuela, França, Panamá, 1993 – 77 min

filmes de Paul Leduc

duração total da projeção: 100 min
legendados em inglês e eletronicamente em português | M/12

Em SUR SURESTE, no futuro, um casal esconde-se dos perseguidores nas ruínas arqueológicas de Tulum, nas praias de Cozumel e no rebuliço de um dia de mercado numa aldeia indígena. Sugerida pelo conto *A Raposa e a Floresta*, de Ray Bradbury, (que decorre no México) e com o apoio do Departamento de Turismo, esta curta é um dos projetos mais excêntricos de Leduc, oscilando entre a ficção científica, o documentário turístico e o desvario em película (com os excertos de CRUZ DIABLO (1934), de Fernando de Fuentes e “O DOM DO DESERTO” (1955), de Galina Elnitskaia). A paisagem natural paradisíaca do sudeste do México é filmada pelo diretor de fotografia Ángel Goded. O filme marca o início da sua colaboração com Leduc para toda a vida. DOLLAR MAMBO decorre após os EUA invadirem o Panamá no final de 1989. A 5 de abril de 1990, soldados que participaram na invasão assassinaram uma bailarina de cabaré num bar. A operação militar chamava-se Causa Justa. Conclusão amarga de uma trilogia sem palavras, o filme justapõe música popular e uma influência generalizada da cultura popular americana, sintetizando o pensamento de Paul Leduc sobre a luta anti-imperialista e a resistência cultural. “Interessava-me fazer uma espécie de musical com base em notícias terríveis, não tanto uma história de amor como em WEST SIDE STORY, antes um musical latino-americano.” (Paul Leduc)

- ▶ Quinta-feira [24] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

HURBANISTORIAS (SIC)

México, 1985 – 30 min

¿CÓMO VES?

com Roberto Sosa, Blanca Guerra,
Cecilia Toussaint, Tito Vasconcelos

México, 1986 – 75 min

filmes de Paul Leduc

duração total da projeção: 105 min
legendados em inglês e eletronicamente em português | M/12

HURBANISTORIAS (SIC), sexto episódio da série *Con la música por dentro* (1984-1985, série documental para televisão sobre músicos da Cidade do México), vai buscar o título ao único álbum de Rockdrigo lançado em vida. Bob Dylan local de rua, profeta com harmónica, cofundador com Jaime López de La Liga de Músicos Errantes y Cantantes Rupestres. ¿CÓMO VES? conta com a sua presença graciosa, mas morreu antes de o filme ver a luz do dia. "Só havia canções, o que era suficiente. O que é que se pode dizer de Rockdrigo que ele próprio não diga? O físico dele, a forma de cantar. Não é um vídeo musical. Ele canta em vários sítios e nós filmámo-los." (Paul Leduc) Paul Leduc dedicou dois anos à rodagem de *Con la música por dentro*, acabando por trazer essa experiência, a atmosfera e alguns dos participantes para a sua quinta longa-metragem, ¿CÓMO VES?. Dedicada de forma sarcasticamente ao Fundo Monetário Internacional e rodado no Ano Mundial da Juventude, é um retrato de carácter quase documental sobre a vida dos jovens num dos bairros mais pobres da cidade, um quase gueto. Não há protagonistas, trata-se de um retrato de uma comunidade, um fresco de micro-histórias, por vezes abstratas, que de uma forma quase irreconhecível se inspiram nos textos de vários escritores, incluindo alguns autores seminais como José Agustín e José Revueltas. Estes fragmentos são colados por atuações ao vivo de bandas de rock e músicos como El Tri ou Rockdrigo, que morreu antes de o filme estar terminado. Curiosamente, na memória e no imaginário colectivo mexicano, ¿CÓMO VES? continua a ser um filme de culto exemplar precisamente sobre o rock underground, enquanto no universo de Leduc coexistem todos os tipos de música, seja mambo, bolero ranchero ou son cubano. Independentemente dos géneros, é a música que consola.

OUTRAS SESSÕES COM O DOCLISBOA

► Sexta-feira [18] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

ICI ET AILLEURS

de Jean-Luc Godard, Anne Marie-Miéville
com Jean-Pierre Bamberger
França, 1976 – 53 min

DE PALESTIJNEN

de Johan van der Keuken
Países Baixos, 1975 – 45 min

duração total da projeção: 98 min
legendados em inglês e eletronicamente em português | M/12

Rushes de um filme inacabado sobre a resistência palestina, rodado quatro anos antes sob a égide do grupo Dziga Vertov, são mostradas a um casal que, diante do televisor, recorda a sua experiência passada durante os anos de militância. ICI ET AILLEURS é uma obra raramente exibida, que toca uma questão sensível e que aborda o modo como se organizam aqui ("íci") imagens que foram registadas algures ("ailleurs"). Filme sobre um conflito, é antes de mais uma reflexão sobre a própria televisão. DE PALESTIJNEN aborda a complexidade do conflito no Médio-Oriente em pleno ano de 1975. Filmado no Líbano em resposta a uma solicitação do Comité da Palestina, procura identificar as contradições entre as diferentes classes sociais e compreender as reivindicações dos palestinos.

► Sábado [19] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

TRAITÉ DE BAVE ET D'ÉTERNITÉ

de Isidore Isou
com Marcel Achard, Isidore Isou,
Jean-Louis Barrault, Jean Cocteau

França, 1951 – 120 min
legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

Autor do movimento letrista lançado em 1946 como manifesto de uma poesia fonética, Isidore Isou estende-o em 1951 ao cinema com este TRAITÉ DE BAVE ET D'ÉTERNITÉ, prémio da vanguarda no festival de Cannes desse mesmo ano por um júri improvisado para a ocasião e onde foi motivo de escândalo. Baseado no princípio da "montagem discrepante", o filme, que é hoje um título lendário do cinema experimental e que antecipa o cinema de Guy Debord, trabalha a disjunção entre o som e a imagem e a desconstrução narrativa para anunciar a morte de uma certa ideia de cinema. Nos Cahiers, Maurice Schérer

(Éric Rohmer) distinguiu ainda o modo particular como Isou filma o bairro de Saint-Germain-des-Prés nas suas deambulações por Paris. Dois filmes em que a palavra tem um papel determinante e que, experimentando inventivamente diferentes modos de combinação entre as bandas de som e de imagem, expandem os limites do próprio cinema.

► Segunda-feira [21] 18h00 | Sala Luís de Pina

MESA-REDONDA SOBRE O RESTAURO DE "UM É POUCO, DOIS É BOM"

Com UM É POUCO, DOIS É BOM, Odilon Lopez tornou-se um dos poucos realizadores negros em atividade durante a década de 1970. O feito o coloca-o ao lado de cineastas como Antonio Pitanga e Zózimo Bulbul, entre alguns poucos anteriores como Cajado Filho e Haroldo Costa, cujas filmografias vêm sendo reinvestigadas nos últimos anos. Longamente esquecido, o filme foi recentemente restaurado e relançado graças a uma parceria entre a Cinemateca Capitólio de Porto Alegre, a plataforma INDETERMINAÇÕES e a Mnesosine Serviços Audiovisuais, trazendo novos contornos para as discussões em torno da historiografia do cinema negro e brasileiro. Participam na mesa-redonda, Lorena Rocha (cofundadora da INDETERMINAÇÕES e investigadora da obra de Odilon Lopez), Vanessa Lopez (filha de Odilon) Lincoln Péricles (realizador) e Tiago Baptista, responsável pelo arquivo da Cinemateca.

► Segunda-feira [21] 19h30 | Sala Luís de Pina

► Terça-feira [22] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

UM É POUCO, DOIS É BOM

de Odilon Lopez
com Araci Estevez, Odilon Lopez, Francisco Silva
Brasil, 1970 – 94 min / legendado em inglês | M/12

Dois contos compõem este filme, com realização e argumento de Odilon Lopez (o primeiro realizador negro do Sul do Brasil) e diálogos de Luiz Fernando Veríssimo. Em "Com Um Pouquinho... de Sorte" e "Vida Nova... Por Acaso", Lopez segue os seus protagonistas pela vida urbana em Porto Alegre. Na história do casal Jorge e Maria ou na jornada pelas desventuras dos cativantes Magrão e Crioulo, o cineasta aborda questões sociais, como o racismo e a marginalização cíclica das suas personagens. Primeira exibição na Cinemateca. A exibir em cópia digital restaurada 4k.

► Quarta-feira [23] 19h30 | Sala Luís de Pina

► Sábado [26] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

LOOKING FOR ROBERT

de Richard Copans
França, 2024 – 73 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um documentário em que Richard Copans evoca os seus vinte anos de trabalho com Robert Kramer e a sua amizade com o realizador. Partindo do incontornável documentário de Kramer ROUTE ONE/USA, LOOKING FOR ROBERT relata os gestos e as práticas do cineasta. Primeira apresentação na Cinemateca.

► Quinta-feira [24] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

EFFECTOS DE FAMILIA

de Edgardo Aragón
México, 2007-2009 – 23 min

DOKFAH NAI MEU MAAN | A MYSTERIOUS OBJECT AT NOON

"Um Objeto Misterioso ao Meio-Dia"

de Apichatpong Weerasethakul
Tailândia, 2000 – 89 min / legendado eletronicamente em português
Duração total da projeção: 112 min | M/12

EFFECTOS DE FAMILIA é uma série de 13 vídeos que reencenam eventos dramáticos do histórico familiar do realizador, relacionados com a criminalidade organizada mexicana. Os episódios são interpretados pelos membros mais jovens da família de Aragón, numa tentativa de, através da reencenação como meio artístico, educá-los e afastá-los das teias do crime. Partindo da memória familiar, Aragón oferece uma reflexão sobre as condições sociais coletivas do México. DOKFAH NAI MEU MAAN mistura ficção, documentário e pseudodocumentário. O filme documenta a experiência dos vários indivíduos com quem a equipa de filmagem se cruza durante uma viagem pela Tailândia. Cada um deles é convidado a continuar uma história que será retomada, com total liberdade, pela pessoa encontrada na cidade seguinte. Ao invés de procurar uma narrativa perfeita e contínua, o filme enfatiza as descontinuidades da abordagem documental; filmado sem um guião convencional, DOKFAH NAI MEU MAAN baseia-se exclusivamente nas partilhas e nos comportamentos dos sujeitos filmados. No final, a "história coletiva" é interpretada por atores não-profissionais.

► Sexta-feira [25] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

IF AND ONLY IF

de Anri Sala
Albânia, França, 2018 – 10 min

MON CAS

O Meu Caso
de Manoel de Oliveira
com Bulle Ogier, Luis Miguel Cintra,
Axel Bougousslavsky, Fred Personne

França, Portugal, 1986 – 88 min / versão original em francês, legendada eletronicamente em português e inglês
duração total da projeção: 98 min | M/12

Em IF AND ONLY IF, um caracol de jardim percorre todo o comprimento de um arco de viola, movendo-se gradualmente sobre ele, mas perturbando o equilíbrio delicado de que depende a execução do maestro. O ritmo do caracol impõe-se à performance, levando o violista a fazer ajustes e a compor em função dessa situação em constante evolução. A música de Stravinski é então subvertida pela interação entre o músico e o caracol. Baseado em José Régio (*O Meu Caso*), Samuel Beckett (*Pour En Finir et Autres Foirades*) e na Bíblia (*Livro de Job*), MON CAS, falado em francês, pertence à mesma vertente de OS CANIBAIS, que Oliveira realizou a seguir. No centro de tudo, está a representação, com a peça *O Meu Caso* de Régio mostrada sob três ângulos: em palco, em montagem acelerada e retomada, com toda a banda sonora, em marcha atrás. Segue-se, um quadro crepuscular da civilização moderna, sobre trechos do *Livro de Job*, terminando com uma recriação de Piero della Francesca.



DOKFAH NAI MEU MAAN

INDEPENDÊNCIAS NOS ARQUIVOS ITALIANOS

Em colaboração com o ICNOVA-FCSH (UNL)/ Escola das Artes – UAL / Hangar e com o apoio do Archivio Audiovisivo del Movimento Operaio e Democratico (Roma)

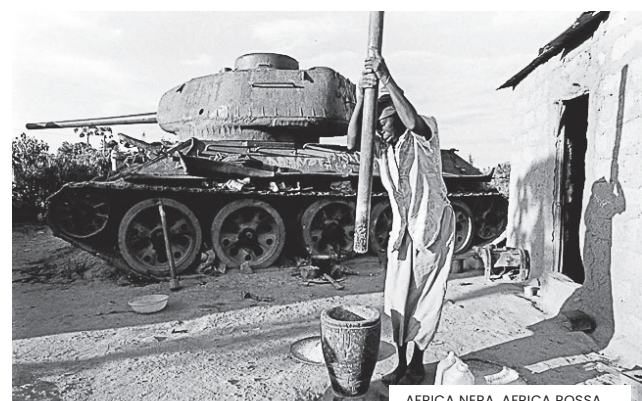
N o âmbito da conferência internacional “O Nascimento (em Imagens) das Nações Africanas: Média e Descolonizações” que decorrerá entre 9 e 11 de outubro em Lisboa, a Cinemateca apresenta um pequeno Ciclo sobre o tema feito em colaboração com a investigadora Maria do Carmo Piçarra, com quem já temos vindo a apresentar este ano os Ciclos “Do Cinema de Estado ao Cinema Fora do Estado” dedicados a Moçambique, Guiné-Bissau e, em novembro, Angola. É dela o texto que se segue, bem como as notas sobre as sessões deste programa.

“Entre 1973 e 1975, Guiné-Bissau, Angola, Cabo Verde, Moçambique e S. Tomé e Príncipe foram os últimos países africanos a libertar-se, formalmente, do colonialismo europeu, na sequência de lutas de libertação para as quais contaram com solidariedades internacionalistas. Entre outras formas, estas materializaram-se no que se pretendeu ser um Terceiro Cinema descolonizador. Os filmes feitos alinharam-se com os objetivos da conferência Tricontinental, realizada em Havana, em janeiro de 1966. Se as solidariedades cubana, soviética, argelina, sueca ou francesa vêm sendo referenciadas, a italiana só agora começa a ser analisada. A Fondazione Archivio Audiovisivo del Movimento Operaio e Democratico (AAMOD), com um importante acervo relativo às lutas anticoloniais, tem dado contributos decisivos nesse sentido. Entre eles, e com organização sua e da Fondazione Gramsci, em parceria com as Cineteca Nazionale, Casa del Cinema, Sapienza Università di Roma e Università Roma Tre, de 10 a 14 de dezembro de 2023, contou-se “Le ex colonie portoghesi: media e decolonizzazione”. Integrando-se na série “Il progetto e le forme di un cinema politico”, iniciada em 2017, incluiu uma mostra que revelou filmes da sua coleção, do Centro Sperimentale di Cinematografia, do Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos, e da RAI TECHE, além de uma conferência internacional.

Partiu dos diretores científicos do evento, o investigador Luca Peretti e Paola Scarnati, figura tutelar da AAMOD, o convite para que os apoiasse na organização do mesmo em Roma, e o desafio para dar sequência ao mesmo em Portugal, integrando a Cinemateca Portuguesa e o ICNOVA-UNL no projeto. Nesse âmbito, partindo do programa apresentado na Casa del Cinema, em Roma, apresenta-se agora em colaboração com a Cinemateca e com Luca Peretti, a mostra “Independências nos Arquivos Italianos”. Paralelamente, e de 9 a 11 de outubro, realiza-se a conferência “O Nascimento (em Imagens) das Nações Africanas: Média e Descolonizações”, coorganizada por mim e por Giulia Stripolli (IHC) na Universidade Nova de Lisboa (9-10) e na Escola das Artes da UAL (11), parceiro com o Hangar – Centro de Investigação Artística (17 de outubro). Nestas instituições, haverá debates, projeções e apresentações de investigações artísticas e comunicações.

Este Ciclo propõe obras de referência que perderam visibilidade quando a importância do cinema político diminuiu. Destacam-se AFRICA NERA, AFRICA ROSSA, realizado por Carlo Lizzani em Angola pós-independência, I DANNATI DELLA TERRA, de Valentino Orsini, ou RECONSTRUÇÃO, EDUCAÇÃO, assinado coletivamente mas filmado por Flora Gomes. Títulos como A PROPOSITO DELL’ANGOLA, feito clandestinamente em Angola, a mostrar com a presença da realizadora, Augusta Conchiglia, ou DIECI GIORNI CON I GUERRIGLIERI DEL MOZAMBICO LIBERO testemunham o militantismo dos italianos que, nas décadas de 60 e 70, combateram o colonialismo dando sequência à luta antifascista iniciada nos anos 40. MADINA BOE, do cubano José Massip, ou PORTOGALLO: PAESE TRANQUILLO, que o catalão Joaquín Jordà fez a pedido do MPLA, e com produção do Partido Comunista italiano, sendo uma importante antecipação da revolução que se antecipava são obras exemplares do internacionalismo cinematográfico de então. Entretanto, o militantismo italiano manteve-se pós-independências, como atesta NO PINTCHA, feito por Sergio Spina para o PAIGC, apesar da existência de realizadores locais formados. QUEIMADA!, de Gillo Pontecorvo, a encerrar, traduz a noção de que foi impondo: a vitória só seria realmente certa através dos filmes de ficção para grande público.”

Maria do Carmo Piçarra



AFRICA NERA, AFRICA ROSSA



LABANTA NEGRO!



DIECI GIORNI CON I GUERRIGLIERI DEL MOZAMBICO LIBERO

► Segunda-feira [07] 18h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LABANTA NEGRO!

de Piero Nelli

Itália, 1966 – 40 min

AFRICA NERA, AFRICA ROSSA (1º EPISÓDIO)

de Carlo Lizzani

Itália, 1978 – 60 min

duração total da projeção: 100 min
legendado eletronicamente em português | M/12

COM A PRESENÇA DE PAOLA SCARNATI E LUCA PERETTI
E APRESENTAÇÃO DE LUCIANA FINA

Amílcar Cabral teve sempre a consciência da importância dos filmes para mostrar a luta anticolonial do PAIGC. Dada a inexistência inicial de guineenses com formação em cinema, Mário Marret foi o primeiro estrangeiro a filmar nas zonas libertadas, assinando LALA QUEMA (1964) e NOSSA TERRA (1966), colaborando depois com Piero Nelli na realização de LABANTA NEGRO! (1966). Premiado no Festival de Veneza, este mostra a organização quotidiana nas zonas libertadas, e o início da criação das estruturas sociais do futuro país. Inclui imagens de um comício onde intervém Luís Cabral. *Africa Nera, Africa Rossa* é uma série documental de três episódios realizada por Carlo Lizzani, em 1976, para a RAI2, já após a independência de Angola. Além da televisão angolana, a equipa dirigida por Lizzani foi a única a filmar o julgamento de 14 mercenários anglo-americanos liderados por Costas Georgiou, conhecido como Coronel Callan, entre junho e julho de 1976. O primeiro episódio documenta o processo dos mercenários brancos com ligações à CIA. A exibir em cópias digitais.

► Segunda-feira [07] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

AFRICA NERA, AFRICA ROSSA (2º E 3º EPISÓDIOS)

de Carlo Lizzani

Itália, 1978 – 120 min / legendado eletronicamente em português | M/12

COM APRESENTAÇÃO DE LUCIANA FINA

Africa Nera, Africa Rossa, série documental de três episódios realizada em 1976 para a RAI2, é uma descoberta preciosa – feita no âmbito da mostra “Le ex colonie portoghesi: media e decolonizzazione”, que aconteceu em Roma, em dezembro de 2023, com organização da AAMOD – mesmo para aqueles familiarizados com a filmografia de Lizzani. O segundo episódio reconstitui os quinze anos de conflito (incluindo aqueles entre os movimentos de libertação angolanos) que culminaram na independência e subida ao poder pelo MPLA. O terceiro episódio é um retrato da situação pós-independência em Angola, com expectativas de um futuro promissor que a História contrariou. A exibir em cópias digitais. Primeiras apresentações na Cinemateca.

► Terça-feira [08] 18h30 | Sala M. Félix Ribeiro

I DANNATI DELLA TERRA

de Valentino Orsini

Itália, 1969 – 100 min / legendado eletronicamente em português | M/12

SESSÃO APRESENTADA POR MARIANO MESTMAN

A partir dos materiais documentais legados pelo seu discípulo e amigo Abramo Malonga antes da sua morte, o cineasta

de esquerda Fausto Morelli confronta-se com o desafio de terminar um filme inacabado sobre as lutas de libertação num país indeterminado da África subsariana. Como incorporar as imagens filmadas por Malonga sobre a luta do PAIGC, sob a liderança de Amílcar Cabral, na Guiné-Bissau, respeitando o seu olhar e simultaneamente incorporando os dilemas revolucionários no chamado Terceiro Mundo e na Europa? A sessão é apresentada por Mariano Mestman (Universidad de Buenos Aires/ CONICET), autor, com Alberto Filippi, de *Los condenados de la tierra/I dannati della terra: un film entre Europa y el Tercer Mundo*. A exibir em cópias digitais. Primeira apresentação na Cinemateca.

► Terça-feira [08] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

PORTOGALLO: PAESE TRANQUILLO

de Joaquín Jordà

Itália, 1969 – 36 min

MADINA BOE

de José Massip

Cuba, 1969 – 30 min

DIECI GIORNI CON I GUERRIGLIERI DEL MOZAMBICO LIBERO

de Franco Cigarini

Itália, 1972 – 24 min

duração total da projeção: 90 min
legendados eletronicamente em português | M/12

Por encomenda do MPLA, o realizador catalão Joaquín Jordà fez um documentário italiano sobre a situação em Portugal após a morte de Salazar. Nada parece ter mudado

quanto à estrutura política e à situação de pobreza, subdesenvolvimento, isolamento dos portugueses ou da continuidade da dura e longa “guerra colonial”. Porém, entrevistas clandestinas a trabalhadores, estudantes e personalidades da oposição ao regime, além do aumento de manifestações populares, mostram que a luta pela mudança está a crescer. Filmado nas áreas libertadas da então Guiné Portuguesa, durante a guerra de libertação, MADINA BOE documenta e legitima a luta armada do PAIGC. Mostra a educação política dos combatentes, as técnicas de guerrilha e o treino físico. Inclui uma entrevista rara com Amílcar Cabral. Em DIECI GIORNI CON I GUERRIGLIERI DEL MOZAMBICO LIBERO, Franco Cigarini regista como, em 1972, um grupo de dirigentes municipais de Reggio Emilia visita as zonas libertadas no Norte de Moçambique, solidarizando-se com a luta de libertação em curso. Samora Machel, Armando Guebuza e outros líderes explicam os motivos da luta contra os colonialistas portugueses. A exibir em cópias digitais. DIECI GIORNI... é uma primeira apresentação na Cinemateca.

► Quarta-feira [09] 18h30 | Sala Luís de Pina

A PROPOSITO DELL'ANGOLA

de Stefano de Stefani, Augusta Conchiglia

Itália, 1973 – 80 min / legendado eletronicamente em português | M/12

COM A PRESENÇA DE AUGUSTA CONCHIGLIA
E APRESENTAÇÃO DE MARIA DO CARMO PIÇARRA

Documentário militante, que descreve a situação política em Angola durante a luta de libertação, regista o quotidiano nas bases militares nas zonas libertadas, a instrução com novos armamentos, uma emboscada a uma coluna motorizada portuguesa, além da dificuldade em arranjar comida para os guerrilheiros e as populações sob sua proteção. Após ter visto LOIN DU VIETNAM (1967), a jornalista Augusta Conchiglia quis ir, com o companheiro, o realizador da RAI Stefano de Stefani, filmar a guerra no Vietname. Joyce

Lussu, intelectual que traduzira os poemas de Agostinho Neto para italiano, sugeriu que fossem antes a Angola filmar a luta independentista, desconhecida da opinião pública. Realizado por de Stefani e Conchiglia, o filme reúne imagens da primeira estadia clandestina de ambos com os guerrilheiros do MPLA, na Frente Leste de Angola, entre abril e setembro de 1968, com outras captadas durante nova incursão clandestina, em 1970. A exibir em cópia digital. Primeira apresentação na Cinemateca.

► Quinta-feira [10] 18h30 | Sala Luís de Pina

MAPUTO

de Elena Bedei

Itália, 1977 – 12 min

RECONSTRUÇÃO, EDUCAÇÃO

de Serge Michel, Florentino Flora Gomes,

Sana na N'Hada, José Bolama, Josefina Crato

Guiné-Bissau, 1977 – 25 min

NO PINTCHA

de Sergio Spina

Guiné-Bissau, 1979 – 50 min

duração total da projeção: 87 min
legendados eletronicamente em português | M/12

COM A PRESENÇA DE FLORA GOMES E APRESENTAÇÃO DE LUCA PERETTI

Esta sessão, que junta três filmes realizados após as independências de Moçambique e Guiné-Bissau, abre com MAPUTO, de Elena Bedei, que documenta o quotidiano na capital de Moçambique pouco depois da independência. Filme recentemente descoberto no Arquivo Audiovisivo del Movimento Operaio e Democratico, RECONSTRUÇÃO, EDUCAÇÃO documenta o encontro, em Bissau, dos ministros da Educação das ex-colónias portuguesas para, com o conselho do educador e filósofo brasileiro Paulo Freire, presente, pensar na formação a implementar observando os princípios da *Pedagogia do Oprimido*.

Assinado coletivamente, teve maior envolvimento de Flora Gomes. Já com produção do Instituto Nacional do Cinema da Guiné, NO PINTCHA (1979) foi realizado pelo italiano Sergio Spina durante o 3º Congresso da Independência para a Unidade e o Desenvolvimento. É outro olhar, sobre o país em construção e o legado de quinhentos anos de colonialismo. A exibir em cópias digitais. MAPUTO é uma primeira apresentação na Cinemateca.

► Sexta-feira [11] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

QUEIMADA!

de Gillo Pontecorvo

com Marlon Brando, Evaristo Márquez,

Renato Salvatori, Dana Ghia

Itália, 1969 – 129 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Realizado por Gillo Pontecorvo após A BATALHA DE ARGEL, este filme de ficção histórica, cuja ação se passa em meados do século XIX, é protagonizado por Marlon Brando. Sobre ambos, Edward Said (autor de *O Orientalismo*) afirmou terem criado um padrão estético e político inigualado. Brando considerou a interpretação como agente britânico com a missão de pôr fim à administração colonial portuguesa de Queimada, nas Antilhas, promovendo a revolta dos escravos que trabalham nas plantações de cana do açúcar, uma das melhores da sua carreira. A ação de Sir William Walker, bem-sucedida porque este logra convencer o carismático José Dolores (Evaristo Márquez) – um pastor analfabeto descoberto por Pontecorvo, e escolhido em detrimento de Sidney Poitier, que o produtor Alberto Grimaldi queria convidar – a liderar a revolta, culmina num novo regime de exploração por uma companhia britânica. No guião original, Queimada era uma ilha espanhola. A pressão franquista determinou a alteração, pois Portugal tinha menor peso internacional quanto a receitas de bilheteira. A exibir em cópia digital. Primeira apresentação na Cinemateca.

O MODERNO CINEMA DA BULGÁRIA: DIÁLOGOS COM O PASSADO

Em colaboração com o Bulgarian National Film Archive e com o apoio da Embaixada da República da Bulgária em Portugal

Apesar dos anos 30 do século passado terem sido a década fundadora do cinema búlgaro, foi só no pós-Segunda Guerra Mundial, debaixo do regime soviético, que todo um modo de produção floresceu, destacando-se, desde logo, no campo da animação, onde Todor Dinov, o realizador de MARGARITKA (1965), se assumiu como figura de proa. Se no âmbito da animação é relativamente conhecida e reconhecida a existência de uma pujante “Escola Búlgara”, sobre as obras de imagem real, com pessoas de carne e osso, o desconhecimento é grande, ainda que este cinema adulto e politizado tenha recebido alguma atenção dos exibidores no Portugal saído da Revolução dos Cravos e apesar de a Cinemateca Portuguesa o ter celebrado no passado, nomeadamente em 1983, com a programação de uma “Semana do Cinema Búlgaro”, sendo certo que apenas um dos títulos deste programa é agora reprogramado, LACHENITE OBUVKI NA NEZNAJNIYA VOIN/O Soldado Desconhecido, de Rangel Valchanov.

No seu estudo de 2008 intitulado *New Bulgarian Cinema*, nota Dina Iordanova que, durante o período comunista (1945–1989), cerca de 600 filmes foram produzidos num regime centralizado, do ponto de vista da produção e da distribuição. A autora sublinha, com indisfarçável melancolia, como a “indústria” perdeu algum fulgor no pós-Perestroika: desde 1989 que o cinema búlgaro aprende a sobreviver num mercado global e hipercompetitivo. Talvez isto explique que, Iordanova de novo, “em ocasiões recentes, quando os críticos foram chamados para nomearem os melhores filmes de sempre da Bulgária, a maior parte das listas tenha títulos datados dos anos 60 e 70 do século passado”. Só um dos títulos desta seleção foge a esta tendência geral. Aliás, dois cineastas de peso da cinematografia búlgara, como são Rangel Valchanov e Binka Jeliaskova, enfrentaram grandes dificuldades em prosseguir com as suas carreiras após 1989. Com efeito, Jeliaskova, a despeito de ser uma desalinhada do regime anterior, não realizou mais nenhum filme.

A seleção aqui reunida revela, enfim, alguns dos títulos mais significativos deste período dourado do cinema búlgaro e se há algo que os liga entre si é precisamente este diálogo com o passado a partir de um presente algo instável, em relação ao qual sentimentos de ceticismo e desencanto se insinuam, acabando por tomar conta do mundo das personagens. Olha-se para trás para se perceber – e às vezes, por entre os pingos das limitações impostas pelo regime – que este porventura não foi o país por que “lutámos” e que “sonhámos”, quando “éramos jovens”, enfim citando o título do filme de Jeliaskova deste programa, ela que foi resistente antinazi durante o tempo da Guerra, tal qual a heroína de A BYAHME MLADI/“Éramos Jovens”.

O presente programa foi concebido em colaboração com a Embaixada da Bulgária e o Arquivo Nacional da Bulgária e surge na sequência de “Os Dias do Cinema Português”, Ciclo concebido em articulação com a Embaixada de Portugal na Bulgária e o Instituto Camões, que teve lugar em Sófia no passado mês de abril. Todos os filmes a exibir, à exceção de *O Soldado Desconhecido*, são primeiras apresentações na Cinemateca.

► Quarta-feira [09] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

► Sexta-feira [11] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

KOZIYAT ROG

“O Corno de Cabra”

de Metodi Andonov

com Katya Paskaleva, Anton Gorchev, Milen Penev

Bulgária, 1972 – 105 min / legendado eletronicamente em português | M/12

História de amor e de vingança ambientada na Bulgária sob o domínio otomano, em pleno século XVII, KOZIYAT ROG deverá ser um dos filmes mais amados e celebrados do moderno cinema búlgaro (há quem o apelide de “CITIZEN KANE do cinema búlgaro” tal a unanimidade, ainda que se assemelhe, no fundo e na forma, a um “A FONTE DA VIRGEM proveniente da Bulgária”). Um grupo de turcos viola a mulher de Karaivan enquanto este se encontrava nas montanhas a cuidar das suas cabras. A mulher morre perante o olhar de Maria, a sua pequena filha. Karaivan toma a decisão de educar a sua filha como se fosse um rapaz com o intuito de um dia consumir a vingança, envergando como arma um afiado corno de cabra. Metodi Andonov, que morreria prematuramente pouco tempo depois da realização deste filme, assina um conto de vingança shakespeariano com uma atuação notável de Katya Paskaleva, interpretando dois papéis.

► Quinta-feira [10] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Sábado [12] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro

MORETO

“O Mar”

de Petar Donev

com Stefan Danailov, Severina Teneva, Itschak Fintzi

Bulgária, 1967 – 64 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um drama inquietante e absurdista, com o seu quê de

antonioniano, sobre um casal de jovens que pode ou não ter incorrido num crime de atropelamento na noite em que participou numa corrida de carros a bordo de um Mercedes. Mas até que ponto pode esta culpa ter “aderência” à realidade ou não passar de um fantasma que assombra a existência do casal? Stefan Danailov, um dos atores mais amados da Bulgária, vencedor em 2014 de um prémio de carreira nos Bulgarian Film Academy Awards, contracena com Severina Teneva, atriz formada no teatro que faleceu aos 38 anos de idade vítima de cancro. A exhibir em cópia digital restaurada. A seguir à projeção de dia 12 haverá uma mesa-redonda sobre o Ciclo no contexto da História do cinema búlgaro com a participação de Rosen Spasov e Angel Radev do Bulgarian National Film Archive.

- ▶ Sexta-feira [11] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quinta-feira [31] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

A BYAHME MLADI

“Éramos Jovens”

de Binka Jeliaskova
com Dimitar Buynozov, Romyana Karabelova,
Lyudmila Cheshmedzhieva

Bulgária, 1961 – 110 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Nome maior da Nova Vaga búlgara, Binka Jeliaskova assina a sua longa-metragem de estreia, uma história trágica de amor plenamente imersa no contexto histórico da Segunda Guerra Mundial, numa Bulgária sob ocupação. Baseada na sua própria história de vida, ao lado do marido (e aqui argumentista) Hristo Ganev, Jeliaskova, mostra, num estilo cinematográfico extraordinariamente expressivo, a realidade dos resistentes antinazis, lutando mas não esquecendo de amar perante o avanço das tropas nazis. Dimo e Veska lutam pela sua pátria e pelo seu amor, num clima de grande desconfiança, inclusive entre “camaradas de armas”, e face a um futuro incerto. Venceu o prémio principal do Festival de Moscovo e foi um sucesso popular retumbante, tendo sido visto pela maioria dos búlgaros aquando da sua primeira passagem pelas salas.



KOZIYAT ROG

- ▶ Segunda-feira [14] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [29] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

OTKLONENIE

“Desvio”

de Grisha Ostrovski, Todor Stoyanov
com Nevena Kokanova, Ivan Andonov, Katya Paskaleva
Bulgária, 1967 – 78 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Uma comovente viagem no tempo e no espaço une um engenheiro e uma arqueóloga outrora amantes, num tempo de paz embalado pela utopia comunista, em que se reviam e debatiam as estruturas da sociedade (e do amor): “A nossa geração não teve tempo de ser jovem”, assevera a protagonista. A viagem, neste presente umbilicalmente ligado ao passado, serve de pretexto para a rememoração sentimental, confrontando os sonhos de outros tempos com as novas responsabilidades da atualidade. Mas, afinal, porque é que se separaram? Porque é que este foi – e é ainda – um amor impossível? Obra distinguida no Festival de Moscovo, pode ser vista como um olhar desencantado sobre a situação social e política da Bulgária da altura, porque os sonhos e ideais do passado são pouco compagináveis com a realidade do presente.

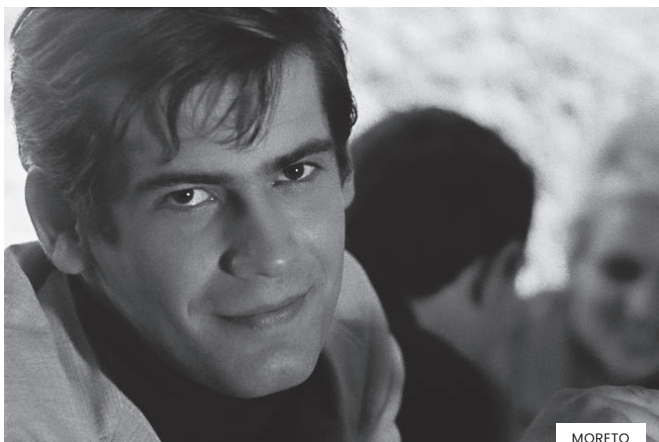
- ▶ Segunda-feira [14] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [28] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro

VSICHKO E LYUBOV

“Tudo é Amor”

de Borislav Sharaliev
com Ivan Ivanov, Yanina Kasheva, Valcho Kamarashev
Bulgária, 1979 – 102 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Obra de declinação realista sobre um rapaz dos bairros pobres de Sófia e a sua batalha particular contra os seus próprios impulsos violentos, e em defesa de um irreprimível desejo por liberdade numa sociedade enclausurante. Este é o retrato de um país crepuscular através do olhar de Rado (Ivan Ivanov, no início da sua carreira como ator búlgaro de dimensão internacional e um autêntico sex symbol no seu país de origem), um “rapaz difícil”, que passou grande parte da sua vida em reformatórios. Talvez o amor o possa salvar – de quê? Antes de mais, de si mesmo.



MORETO

- ▶ Quarta-feira [16] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [30] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LACHENITE OBUVKI NA NEZNAJNIYA VOIN

O Soldado Desconhecido

de Rangel Valchanov
com Slavka Ankova, Emiliya Myrnynska, Ivan Stoychev
Bulgária, 1979 – 85 min / legendado eletronicamente em português | M/12

A partir das memórias de infância do seu realizador, nasceu um dos filmes mais populares e premiados de todo o cinema búlgaro. Trata-se de uma viagem no tempo e no espaço, até às profundezas da História e território búlgaros – tudo isto como que filtrado pelo olhar de uma criança. O filme nasce dessa necessidade de regressar ao passado para enfrentar o presente – movimento que se deteta amiúde no moderno cinema vindo da Bulgária. E deixa uma impressão indelével fruto da sua construção narrativa, fluidez de câmara e montagem poética. Por altura da sua passagem pelos Estados Unidos, o famoso crítico americano Roger Ebert avisou: “é improvável que alguma vez um filme americano seja assim tão subjetivo, tão experimental.” LACHENITE OBUVKI NA NEZNAJNIYA VOIN passou uma única vez na Cinemateca, no distante ano de 1983.

- ▶ Quinta-feira [17] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

KUCHE V CHEKMEDZHE

“Um Cão na Gaveta”

de Dimitar Petrov
com Veselin Prahov, Martin Stoyanov, Emil Dimitrov
Bulgária, 1982 – 80 min / legendado eletronicamente em português | M/6

Dimitar Petrov, mestre de um cinema pensado para as crianças, concebe esta fábula contemporânea em que um rapaz, filho de pais divorciados e, em larga medida, educado pelo televisor lá de casa (que lhe traz imagens de guerra e de destruição), sonha com um cachorro como quem fabrica, no espírito, a possibilidade de uma amizade capaz de se sobrepor a todas as tragédias humanas. Não será difícil pensar-se em Albert Lamorisse (LE BALLON ROUGE) face ao tom mágico desta história enternecedora mas também muito “dos nossos dias” (basta substituímos o televisor pelo telemóvel). “A sessão de dia 12 do filme está também programada na Cinemateca Júnior – Sábados em Família.



KUCHE V CHEKMEDZHE



VSICHKO E LYUBOV

QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

No antepenúltimo dos últimos meses dedicados ao programa com que celebramos ao longo de 2024 os 50 anos do 25 de Abril apresentamos a proposta de filmes para a *Comunidade* e *Futuro*, eixos que encerraremos em dezembro (alternando, em novembro, com os eixos *Liberdade* e *Revolução*).

COMUNIDADE

Em outubro, este núcleo de oito títulos em sete sessões distintas sobre a ideia de *Comunidade* concentra-se em “belas equipas” de pioneiros a desbravar território (STAGECOACH, Ford), trabalhadores em coletivo fraternal (LA BELLE ÉQUIPE, Duvivier), trabalhadoras no pós-Guerra japonês (AKASEN CHITAI, Mizoguchi), mulheres-atrizes em reflexão sobre o seu trabalho (SOIS BELLE ET TAIS-TOI, Seyrig); também no embate de um forasteiro com uma comunidade que lhe resiste (WILD RIVER, Kazan) ou na incursão de um viajante numa comunidade de afetos (O DIA EM QUE ELE CHEGA, Sang-soo); e no diálogo entre autores e filmes de movimentos ancestrais (“AS ESTAÇÕES”, Pelechian, e TRÁS-OS-MONTES, Reis e Cordeiro).

▶ Terça-feira [01] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

STAGECOACH

A Cavalgada Heróica
de John Ford

com John Wayne, Claire Trevor, George Bancroft, Thomas Mitchell, John Carradine, Andy Devine, Tim Holt

Estados Unidos, 1939 – 95 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Em 1939 nasce o *western* moderno pela mão de John Ford, estreando a paisagem que se tornará no símbolo do realizador e do género: Monument Valley. STAGECOACH segue a odisseia de um grupo humano, que é um microcosmos social, cruzando o deserto numa diligência, enfrentando os rigores da natureza e um espetacular ataque de índios no final. A primeira grande criação de John Wayne: Ringo. A apresentar em cópia digital.

▶ Quarta-feira [02] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

▶ Sexta-feira [04] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

WILD RIVER

Quando o Rio se Enfurece
de Elia Kazan

com Montgomery Clift, Lee Remick, Jo Van Fleet, Bruce Dern

Estados Unidos, 1960 – 110 min / legendado em espanhol e eletronicamente em português | M/12

“Este filme devia simplesmente contar a minha história de amor com o *New Deal*, a minha história de amor com as regiões mais remotas deste país, eu queria dizer como os amava e como os admirava”, conta Kazan numa entrevista. O realizador parte de um velho conflito: a chegada do homem novo a uma sociedade que, antiga, lhe resiste. Muitos *westerns* se baseiam nisso. Mas esta epopeia moderna é a epopeia dolorosa do homem problemático. E o homem que surge aqui é um homem magoado. Montgomery Clift chegava depois do seu acidente, a sua personagem vem participar de um retrato do Sul dos Estados Unidos nos anos 1930, desencadeando uma reação por parte da comunidade que se une para reagir à construção de uma barragem que põe em risco o seu equilíbrio. “WILD RIVER é uma extraordinária ‘pintura’ de um tempo e de um lugar no momento em que se dá uma rutura com o passado.” (Luís Miguel Oliveira)

▶ Quarta-feira [02] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

VREMENA GODA

“As Estações”
de Artavazd Pelechian

URSS, 1972 – 29 min / sem diálogos

TRÁS-OS-MONTES

de António Reis, Margarida Cordeiro
com habitantes de Bragança e Miranda do Douro
Portugal, 1976 – 111 min

duração total da projeção: 140 min | M/12

“Pelechian parece só filmar gestos essenciais (primordiais) da integração do homem no cosmos. Ao mesmo tempo, produz sobre eles uma sistemática operação de desbanalização [...]. O túnel que homens e animais atravessam nas ‘ESTAÇÕES’ é um túnel do tempo que nos atira para fora do tempo.” (José Manuel Costa) Juntos, António Reis e Margarida Cordeiro assinaram uma das

mais singulares obras do cinema português, construída nos anos 1970/80 em TRÁS-OS-MONTES, ANA e ROSA DE AREIA. Sobre TRÁS-OS-MONTES, canto de amor a uma região e uma das obras máximas do cinema português, observou Fernando Lopes: “É talvez a primeira vez no cinema português que um filme estabelece uma síntese dialética ambiciosa quanto ao que os sociólogos chamam de cultura popular.”

▶ Quinta-feira [03] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

▶ Terça-feira [29] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

AKASEN CHITAI

A Rua da Vergonha

de Kenji Mizoguchi

com Machiko Kyo, Ayako Wakao, Aiko Mimasu

Japão, 1956 – 85 min / legendado em português | M/12

A última obra-prima de Mizoguchi, que morreu nesse mesmo ano, é um *gendai-geki*, uma obra de tema contemporâneo, e uma história de prostitutas, como outros dos seus filmes e de tantos cineastas japoneses. AKASEN CHITAI (“a zona da linha vermelha”) concentra-se nas personagens de cinco mulheres que trabalham numa casa de uma rua de bordéis situada na histórica zona de prostituição em Tóquio. No contexto dos anos 1950 do pós-Guerra japonês, quando a lei (anti)prostituição, aprovada em 1956, estava a ser debatida no parlamento. A discussão participa do filme, no sentido alargado da devastação sócioeconómica que atinge as cinco mulheres: Hanae, Yumeko, Yorie, Yasumi e Mickey têm naturezas singulares e vivem realidades diferentes, partilhando aquele espaço de trabalho e a severidade das suas vidas. O humanismo é a marca do filme, em que não se vislumbra um laivo moralista. “Raras vezes o cinema nos terá dado figuras tão abstratas (recusa a qualquer psicologismo) com tanta carne, sexo e alma.” (João Bénard da Costa) A apresentar em cópia digital.

▶ Sexta-feira [04] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

▶ Quinta-feira [31] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LA BELLE ÉQUIPE

Uma Mulher que Não Vence

de Julien Duvivier

com Jean Gabin, Charles Vanel, Raymond Aimos, Viviane Romance, Micheline Cheirel

França, 1936 – 103 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Nome maior do “Realismo Poético”, Julien Duvivier assinava em 1936 um dos grandes sucessos populares à época, muito devido ao carisma de Jean Gabin, ator que acabou por rodar sete vezes sob a batuta deste mesmo cineasta, a quem ficou a dever porventura o seu papel mais marcante, como o anti-herói de PÉPÉ LE MOKO. O motor da narrativa – argumento coescrito por Charles Spaak – é a amizade masculina tornada parceria e negócio. A sorte de cinco homens pobres e em apuros muda quando lhes sai a sorte grande na lotaria. A “bela equipa” junta-se e investe na criação de um gigantesco bar popular (*guinguette*), apostando na ideia de um coletivo de trabalho que será perturbada com a entrada em cena de uma mulher (Viviane Romance). Um belo filme. A apresentar em cópia digital.



AKASEN CHITAI



TRÁS-OS-MONTES



LA BELLE ÉQUIPE

▶ Terça-feira [15] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

▶ Quarta-feira [30] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

BOOK CHON BANG HYANG

“O Dia em que Ele Chega”

de Hong Sang-soo

com Yoo Joon-Sang, Kim Sang-Jung, Kim Bo-kyeong

República da Coreia, 2011 – 79 min / legendado em português | M/12

Num preto-e-branco invernial, o filme segue um realizador de cinema “em sabática” ao cabo de quatro filmes, que vive no campo, no momento em que vai a Seul visitar um amigo, crítico de cinema, residente na zona de Bukchon, conhecida pela arquitetura tradicional das suas casas. É nela que o realizador vagueia, elege um restaurante e um bar, se cruza repetidamente com um grupo de pessoas, encontra o amigo. No bar chamado “Novela” em que conversam e bebem, a dona é estranhamente parecida com a ex-namorada do “ex”-realizador (personagens interpretadas pela mesma atriz). A repetição de situações e cenários com pequenas variantes aponta para o comportamento padronizado do protagonista, incapaz de se libertar do passado e privilegiar o presente. Complexa e ambígua, a construção de THE DAY HE ARRIVES (versão internacional do título) deixa em aberto a hipótese de se tratar de uma sucessão de acontecimentos repetitivos ou alternativos. A apresentar em cópia digital.

▶ Segunda-feira [28] 22h00 | Sala M. Félix Ribeiro

▶ Quarta-feira [30] 19h30 | Sala Luís de Pina

SOIS BELLE ET TAIS-TOI!

de Delphine Seyrig com a colaboração de Carole Roussopoulos, Ioana Wieder

França, 1976 – 110 min / legendado eletronicamente em português | M/12

É o filme mais conhecido dos filmes desconhecidos de Delphine Seyrig realizadora, que aqui entrevista

24 atrizes sobre a sua experiência profissional, papéis desempenhados, relações com encenadores, realizadores e equipas de trabalho. Um retrato coletivo no feminino que reflete, em 1976, o balanço negativo de uma profissão que remete as mulheres a personagens estereotipadas num mundo dominado pelo imaginário masculino. As perguntas de Seyrig vão ao fulcro da questão. Por exemplo: “Se fosses homem, terias escolhido igualmente ser ator?”; “Alguma vez representaste uma cena com outra mulher e, se sim, o papel dela foi o de rival ou confidente?”. O título exclamativo vem do filme realizado por Marc Allégret em 1958. Entre as convocadas, Ellen Burstyn, Barbara Steele, Jill Clayburgh, Juliet Berto, Shirley Maclaine, Marie Dubois, Jane Fonda, Maria Schneider, Viva, Anne Wiazemsky. A apresentar em cópia digital.

FUTURO

Na continuação do que havia sido a última edição do eixo, no passado mês de agosto, apresentam-se filmes em torno da ideia de “novos rumos”. São nove títulos (três deles curtos) unidos por uma dúvida: o que fazer com a liberdade? Em todos, um presidiário depara-se com a crueldade do mundo exterior e o fardo de uma pena impossível de cumprir na totalidade.

- ▶ Terça-feira [08] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quinta-feira [17] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

UÇ MAYMUN

Os Três Macacos

de Nuri Bilge Ceylan

com Yavuz Bingol, Hatice Aslan, Rifat Sungar, Ercan Kesal, Cafer Köse, Gürkan Aydin

Turquia, França, Itália, 2008 – 109 min / legendado em português | M/12

Eyüp assume a culpa de um atropelamento para salvar a reputação do amigo político, Servet, e em troca de uma recompensa monetária que irá ajudar a melhorar a vida da sua mulher e filho. Só que quando sai da prisão descobre que o seu sacrifício foi em vão. A conhecida fábula dos Três Macacos, que dá o título ao quinto filme do realizador turco Nuri Bilge Ceylan, enquadra a ação dramática de uma trama de mentiras decantada pelo olhar rigoroso e distanciado do realizador, onde a elipse é a forma dominante. Como na fábula, a estrutura familiar funda-se no lema: “Não ver, não ouvir, nem falar do mal.”

- ▶ Quarta-feira [09] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [29] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

ONCE A THIEF

de Ralph Nelson

com Alain Delon, Ann-Margret, Van Heflin, Jack Palance

França, Estados Unidos, 1965 – 107 min
legendado eletronicamente em português | M/12

A figura misteriosa de Zekial Marko atravessa ONCE A THIEF no corpo de Alain Delon. Ator falhado convertido em escritor e argumentista, Marko era próximo de Allen Ginsberg e Jack Kerouac e restante trupe *Beat*. O seu segundo romance, *The Big Grab* foi adaptado ao cinema como *MÉLODIE EN SOUS-SOL* (1963), transformando-se num dos maiores sucessos da carreira de Alain Delon. Assim, o ator insistiu na parceria e desse encontro surgiu ONCE A THIEF, o primeiro filme americano de Delon onde Marko adapta o seu próprio romance, *Scratch a Thief*. Distribuído em França como “Les Tueurs de San Francisco”, o filme acompanha as dificuldades de integração do ex-presidiário Eddie Pedak, entalado entre um polícia vingativo e um irmão envolvido no submundo dos assaltos. Nem de propósito, Zekial Marko seria preso durante a rodagem do filme. Primeira exibição na Cinemateca.

- ▶ Quinta-feira [10] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [18] 19h30 | Sala Luís de Pina

STRAIGHT TIME

de Ulu Grosbard

com Dustin Hoffman, Theresa Russell, Gary Busey, Harry Dean Stanton, Edward Bunker

Estados Unidos, 1978 – 114 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Ao fim de seis anos de presídio, Max Dembo (Dustin Hoffman) sai em liberdade condicional. Só que as restrições impostas são asfixiantes: tem de viver numa casa de recuperação, não se pode relacionar com amigos ou conhecidos do passado, nem pode conduzir e ou tomar drogas. A partir de um guião onde Michael Mann meteu o dedo, Dustin Hoffman foi originalmente convidado a protagonizar e realizar (tendo chegado a dirigir alguns dias de rodagem). No entanto, a produção substituiu-o por Ulu Grosbard quando o ator se mostrou incapaz de assumir o duplo papel (decisão que propiciou uma disputa em tribunal). Apesar das atribuições de produção, STRAIGHT TIME é um *thriller* duro e humanista como raramente se viu no cinema norte-americano – muito por causa do tocante desempenho de Dustin Hoffman. Primeira exibição na Cinemateca.

- ▶ Quarta-feira [16] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quinta-feira [31] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

GÖTTER DER PEST

“Os Deuses da Peste”

de Rainer W. Fassbinder

com Harry Baer, Hanna Schygulla, Margarethe von Trotta, Günther Kaufmann, Ingrid Caven

Alemanha, 1969 – 91 min / legendado eletronicamente em português | M/12

No começo da sua carreira, Fassbinder realizou três peculiares filmes de *gangsters*: “O AMOR É MAIS FRIO DO QUE A MORTE”, “OS DEUSES DA PESTE” e “O SOLDADO AMERICANO”. “OS DEUSES DA PESTE” é um filme talvez ainda mais desencantado do que “O AMOR É MAIS FRIO DO QUE A MORTE”. Franz Walsch (Harry Baer) – homem mudo e soturno – sai da prisão para descobrir que a cidade de Munique se tornou decadente e perversa. Fassbinder assina a sua variação irónica e homoerótica sobre o *film noir*, com uma *femme fatale* (Hanna Schygulla), um homicídio, um detetive, uma nova amante (Margarethe von Trotta) e uma mulher misteriosa (Ingrid Caven). É a história de um mundo onde não há redenção, onde o amor é impotente, é a história de um destino que se fecha sobre a sua vítima como numa tragédia clássica, mesmo quando os “deuses” que regem este destino são humanos. A apresentar em cópia digital.

- ▶ Quarta-feira [16] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

ESPELHO MÁGICO

de Manoel de Oliveira

com Ricardo Trêpa, Leonor Silveira, Marisa Paredes, Leonor Baldaque, Glória de Matos, Lima Duarte, Michel Piccoli, Luis Miguel Cintra, Duarte de Almeida

Portugal, 2005 – 137 min | M/12

ESPELHO MÁGICO é a última incursão de Manoel de Oliveira pela escrita de Agustina Bessa-Lúis, adaptação de *A Alma dos Ricos*, o segundo tomo da trilogia *O Princípio da Incerteza*. A protagonista é Alfreda (Leonor Silveira), mulher tão abastada quanto excêntrica. Esta vive com uma ideia que a obceca: espera uma aparição da Virgem Maria e, sendo rica, acredita que essa aparição lhe é devida. Para aliviar o martírio da senhora, Touro Azul (Ricardo Trêpa, acabado de sair da prisão depois do incêndio que encerra o filme anterior, *O PRINCÍPIO DA INCERTEZA*) junta-se a um falsificador (Luis Miguel Cintra) e tentam forjar uma falsa aparição com uma “Virgem Maria” chamada – apropriadamente – Abril. Mas nem o milagre nem o embuste chegam realmente a acontecer. Tudo aqui é “a visão especular de um mundo que só como espelho existe.” (João Bénard da Costa)

- ▶ Segunda-feira [07] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [28] 19h30 | Sala Luís de Pina

SWEET SIXTEEN

de Ken Loach

com Martin Compston, Michelle Coulter, Annmarie Fulton, William Riane, Michelle Abercromby

Reino Unido, 2002 – 106 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Segundo tomo da “Trilogia de Glasgow” de Ken Loach – entre *MY NAME IS JOE* (1998) e *AE FOND KISS* (2004) –, SWEET SIXTEEN marca o regresso do realizador britânico ao universo da adolescência inquieta que marcou o seu filme mais aclamado, *KES*. Continuamos na cidade operária de Glasgow, mas entre 1969 e 2002 deu-se uma enorme transformação nos modos e costumes. Porém, se o panorama é outro, os dilemas sociais e familiares são os mesmos: há um adolescente (à espera que a mãe saia da prisão a tempo do seu 16.º aniversário) que não escapa à fatalidade dos seus sonhos. Um dos melhores exemplos do realismo britânico que lançou o ator Martin Compston – num desempenho que foi comparado, à época, ao do jovem Jean-Pierre L aud em *LES QUATRE CENTS COUPS*. Primeira exibição na Cinemateca.

- ▶ Terça-feira [29] 19h30 | Sala Luís de Pina

TRILOGIA DO TIO RUI

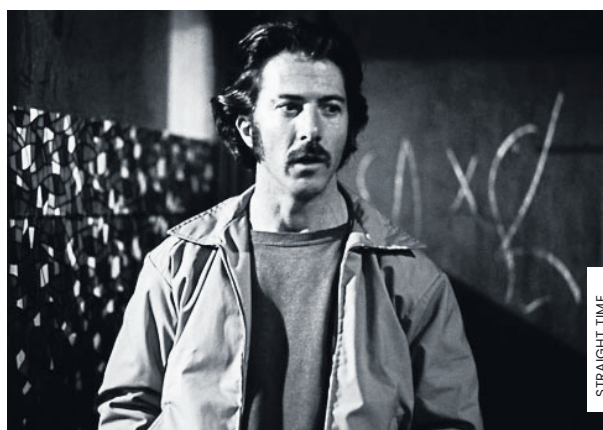
TIO RUI

MARIA SEM PECADO A VOLTA DA REVOLTA

filmes de Mário Macedo

Portugal, 2011/16/18 – 32, 29, 27 min
dura o total da proje o: 88 min | M/12

Mário Macedo, jovem realizador português já com uma série de curtas-metragens (venceu o pr mio de Melhor Realizador no festival Curtas Vila do Conde em 2021 com o belíssimo *TERCEIRO TURNO*), apresentou-se com a *Trilogia do tio Rui*. Composta ao longo de oito anos, os filmes retratam o tio do realizador durante e após o seu aprisionamento. No primeiro tomo, o realizador acompanha as 72 horas de liberdade condicional do tio (e de toda a família que o rodeia). No segundo, o tio já cumpriu a sua pena de dez anos e está agora a viver com a mãe que, durante a sua ausência, desenvolveu doença de Alzheimer e já tem dificuldades em reconhecê-lo. Por fim, passados quinze anos da sentença, Rui regressa   sua rotina. Numa tentativa de se libertar dos fantasmas do passado, faz uma viagem, física e espiritual, pelos locais que mudaram a sua vida. Três filmes que demonstram o olhar atento de um cineasta. A VOLTA DA REVOLTA   uma primeira apresenta o na Cinemateca.



STRAIGHT TIME



SWEET SIXTEEN

RAÚL RUIZ – A IMAGEM ESTILHAÇADA (PARTE III, CONCLUSÃO)

Conclui-se em outubro a terceira e última parte deste monumental Ciclo que dedicamos a este não menos monumental cineasta. Em jeito de balanço, entre curtas e longas-metragens, entre ficção, documentário e filmes experimentais, exibimos, ao longo das três partes deste programa, um total de 76 filmes, naquela que é uma das maiores (senão mesmo a maior) retrospectiva dedicada ao realizador. Além de alguns filmes dispersos – todos eles (à exceção de CAPÍTULO 66) primeiras apresentações na Cinemateca e inéditos em Portugal – que não nos tinha sido possível exibir anteriormente, o “subcapítulo” deste mês inclui as colaborações de Ruiz para filmes de *sketches* (CHACUN SON CINÉMA; BRISE-GLACE; À PROPOS DE NICE, LA SUITE) e filmes que assinou em correalização (CAPÍTULO 66, QUE HACER!). Ainda assim ficamos a lamentar algumas ausências. Sobre tudo a de três obras importantes na filmografia de Raúl Ruiz, títulos que até agora não foram restaurados e dos quais por essa razão não existem atualmente cópias disponíveis: LA EXPROPRIACIÓN (do período chileno), LE BORGNE (1980) e PROFESSEUR TARANE (1987).



UNE PLACE PARMİ LES VIVANTS

► Terça-feira [01] 19h30 | Sala Luís de Pina

DANS UN MIRROIR

de Raúl Ruiz

com Anne Alvaro, Melvil Poupaud, Jean-Claude Wino

França, 1986 – 65 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Em DANS UN MIRROR, uma adaptação de um conto de Louis-René des Forêts, um homem vai visitar outro, que está doente. Enquanto espera, enceta uma conversa com a irmã dele. Mais um brilhante *puzzle* narrativo, tão caro a Raúl Ruiz. Fotografia de Acácio de Almeida.

► Quarta-feira [02] 18h30 | Sala Luís de Pina

BALLET AQUATIQUE

com Melvil Poupaud, François Margolin, Raúl Ruiz

França, 2011 – 50 min

AGATHOPEDIA

com Estudantes da Universidade de Calábria

filmes de Raúl Ruiz

Itália, 2008 – 52 min

duração total da projeção: 102min

legendado eletronicamente em português | M/12

BALLET AQUATIQUE, o penúltimo filme que Ruiz assinou em vida, é uma homenagem ao documentarista Jean Painlevé, que inovou ao misturar ciência e surrealismo. AGATHOPEDIA insere-se, na filmografia de Ruiz, na classe de “filmes pedagógicos”, ou seja, filmes que realizou no âmbito de cursos que lecionou, sobretudo a partir da década de 90, em várias instituições ligadas ao ensino de cinema (neste caso, na Universidade de Calábria em Itália). Trata-se de uma evocação da Société des Agathopédes, fundada por um grupo de *dandies* belgas precursores do dadaísmo. Filme realizado no âmbito de um curso ministrado por Raúl Ruiz sob o tema “construir um filme”.

► Quinta-feira [03] 19h30 | Sala Luís de Pina

CHACUN SON CINÉMA OU CE PETIT COUP AU COEUR QUAND LA LUMIÈRE S'ÉTEINT ET QUE LE FILM COMMENCE (LE DON)

de Raúl Ruiz

França, 2007 – 3 min

À PROPOS DE NICE, LA SUITE (PROMENADE)

de Raúl Ruiz

França, 1995 – 8 min

CAPÍTULO 66

de Luis Ospina, Raúl Ruiz

com Ricardo Duque, Rolf Abderhalden,

María Paulina de Zubiría

Colômbia, 1994 – 27 min

BRISE-GLACE – LE BATEAU-GIVRE

de Raúl Ruiz, Jean Rouch, Titte Törnroth

França, 1987 – 96 min

duração total da projeção: 134 min

legendados eletronicamente em português | M/12

CAPÍTULO 66, “telenovela gótica” de cariz experimental, foi filmada durante uma oficina com estudantes orientada por Raúl Ruiz em Bogotá. BRISE-GLACE – LE BATEAU GIVRE foi filmado a bordo de um barco sueco, que liberta os barcos presos no gelo. Trata-se de um filme em três partes, sendo as duas outras realizadas por Titte Törnroth e Jean Rouch. Para celebrar os 60 anos do Festival de Cannes, o seu diretor convidou mais de trinta realizadores ali premiados para contribuírem para o filme CHACUN SON CINÉMA com uma curta-metragem de três a quatro minutos de duração sobre o prazer do cinema e a sala de cinema. Raúl Ruiz foi um deles e assinou LE DON. 65 anos depois de À PROPOS DE NICE, Ruiz assina um dos sete *sketches* que compõem À PROPOS DE NICE, LA SUITE, uma homenagem ao cineasta Jean Vigo, revisitando de novo os costumes e a paisagem de Nice (o filme completo À PROPOS DE NICE, LA SUITE é também exibido este mês na Cinemateca na rubrica “O que Quero Ver”, ver pág. 18).

► Sexta-feira [04] 19h30 | Sala Luís de Pina

QUE HACER!

de Raúl Ruiz, Saul Landau, Nina Serrano

com Sandy Archer, Anibal Reyna,

Country Joe MacDonald

Chile, Estados Unidos, 1973 – 90 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Filmado no Chile em 1970 (durante a campanha eleitoral para as eleições ganhas por Allende) e estreado apenas em 1972 (na Quinzena dos Realizadores, em Cannes). O projeto parte de uma ideia de Landau e Serrano de misturar documentário e ficção, tendo como pano de fundo a referida campanha eleitoral. Ruiz foi contratado para dirigir as cenas com os atores chilenos, Nina Serrano as com atores americanos. E Saul Landau as cenas

documentais. Aparentemente, na prática as coisas não se terão passado exatamente assim e a relação entre os três não foi pacífica. O facto é que Ruiz não acompanhou a montagem e terá renegado o filme.

► Segunda-feira [07] 19h00 | Sala Luís de Pina

PETIT MANUEL D'HISTOIRE DE FRANCE

de Raúl Ruiz

França, 1979 – 129 min / legendado eletronicamente em português

Este filme, dividido em duas partes (a primeira, “Dos Antepassados Gauleses à Tomada do Poder por Luís XIV”; a segunda, “Da Revogação do Édito de Nantes à Invenção do Cinema”), é feito exclusivamente a partir de imagens de arquivo. São imagens vivas contendo o seu próprio sentido e entregues à livre leitura de autores-realizadores. Sem qualquer filmagem nem nenhum comentário.

► Segunda-feira [14] 19h30 | Sala Luís de Pina

UNE PLACE PARMİ LES VIVANTS

de Raúl Ruiz

com Christian Vadim, Thierry Gibault, Valérie Kaprisky

França, 2003 – 103 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Montmartre, anos 50. Um escritor em crise existencial é abordado por um homem que afirma ser ele o *serial-killer* de jovens mulheres loiras que aterroriza o XVIII bairro. Este pede ao escritor que lhe escreva as memórias.

► Quinta-feira [17] 19h30 | Sala Luís de Pina

LA MAISON NUCINGEN

de Raúl Ruiz

com Elsa Zylberstein, Jean-Marc Barr, Thomas Durant

França, Chile, Roménia, 2008 – 94 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Com o epíteto promocional de “comédia gótica surrealista”, LA MAISON NUCINGEN relata as desventuras de William, um aristocrata decadente, e da mulher de saúde débil, numa mansão (que ganhou ao *poker*) situada numa remota região do Chile, que também é habitada por serviços muito peculiares, para além de um fantasma muito *sui generis*.

IN MEMORIAM AUGUSTO M. SEABRA (1955-2024)

Crítico de cinema e música com intervenção em variadíssimas outras áreas, Augusto M. Seabra deixou marca indelével no espaço da crítica das artes em Portugal ao longo do último meio século. Tendo começado pela crítica musical no jornal *A Luta*, em 1977, prática que nunca deixou, foram os seus textos sobre cinema que tiveram maior alcance, tendo feito parte da equipa de críticos de jornais como o *Expresso* nos anos 1980 e sido um dos fundadores do *Público*.

Como crítico de cinema, foi sempre alguém interessado em conciliar a atenção à vertente popular desta arte, o legado das épocas clássicas (em 1982, por exemplo, chamou ao E.T. de Steven Spielberg, em texto no *Expresso* aquando da estreia mundial do filme em Cannes, *O Filme do Nosso Deslumbramento*) com a descoberta e defesa das cinematografias ditas “periféricas”, fora do eixo Europa/América. Em Portugal, foi assim um dos críticos mais ativos na divulgação dos cinemas das várias regiões da Ásia, incluindo China continental, Japão, Hong Kong, Taiwan, Filipinas ou Índia, e mais tarde também do Irão (tendo sido, certamente, dos primeiros a chamar a atenção para Abbas Kiarostami). A atividade de crítico levou-o à função de jurado em diversos festivais internacionais de cinema, sendo aqui de destacar a sua presença no festival de Cannes de 1993.

A tudo isto juntou-se então a atividade de programador, que encarou como um prolongamento do trabalho na crítica. Dois exemplos entre muitos: em meados dos anos 1990 foi responsável pela programação de cinema de um acontecimento importante no panorama cultural da Lisboa de meados dos 90, uma espécie de festival multidisciplinar que levou o título genérico de “Mistérios de Lisboa”; mais recentemente, foi durante vários anos programador do Doclisboa, onde animou a secção “Riscos”, destinada a interrogar, de forma sempre estimulante, várias franjas da produção mundial na órbita do “cinema do real”, entre a pura experimentação formal e a exploração, por exemplo, de registos diarísticos e autobiográficos.

Last but not the least, impõe-se lembrar que, enquanto crítico, Augusto M. Seabra foi para além do horizonte mais habitual desta prática. Com frequência, os seus textos ultrapassaram em muito o domínio estrito da análise de obras ou espetáculos, transformando-se em reflexões continuadas sobre o papel das instituições e da política cultural no nosso país. A esse outro nível, a sua intervenção foi mais uma vez feita de conhecimento, memória, ponto de vista, e, o que não é nada despidendo, raro espírito de independência, nunca poupando *a priori* quaisquer entidades, grupos ou instituições – disso não se excluindo a Cinemateca.

Presença regular na Cinemateca, Augusto M. Seabra foi homenageado na Cinemateca em junho de 2021 com uma carta branca que espelhava a abrangência do seu conhecimento, que deixou de parte títulos óbvios optando por um conjunto de títulos dos mais variados registos e origens geográficas. Nessa mesma data, decorreu na Cinemateca a cerimónia pública de doação do acervo documental de Augusto M. Seabra, que por sua vontade foi tematicamente confiado a diferentes instituições, tendo este organismo recebido a sua vasta Biblioteca e Mediateca de Cinema.

Um mês decorrido sobre a sua morte, a Cinemateca recorda-o agora na mais rara qualidade de realizador através do documentário que correalizou com José Nascimento sobre Manoel de Oliveira.

► Quinta-feira [03] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

MANOEL DE OLIVEIRA: 50 ANOS DE CARREIRA

de Augusto M. Seabra, José Nascimento

Portugal, 1981 – 51 min | M/12



MANOEL DE OLIVEIRA: 50 ANOS DE CARREIRA [foto de rodagem de João Abel Aboim]

Ao longo do ano de 1981 a televisão pública iniciou a emissão de um magazine de cinema. Chamava-se *Ecran* e os seus autores eram o crítico Augusto M. Seabra e o realizador José Nascimento. Ali, a dupla refletia sobre as estreias, os ciclos da Cinemateca (uma memorável retrospectiva de Fritz Lang), mas também sobre as questões da política do cinema nacional e as suas condições de produção (recorde-se o episódio-manifesto, *A SITUAÇÃO DO CINEMA PORTUGUÊS*). Produzido como um episódio especial (daí a diferença de duração e daí o fim da série, já que a direção de programas não aceitou a ousadia), os coordenadores assinalaram os 50 anos da carreira de Manoel de Oliveira, quando o realizador estreava *FRANCISCA* e se preparava para abandonar a famosa casa na Rua da Vilarinha. *A sessão completa-se com excertos do programa Tv Artes de Alexandre Melo, Isabel Colaço e José Nascimento (ver nota na pág. 04), integrado no Ciclo “José Nascimento – Nem Verdade, Nem Mentira” (duração total da projeção: 111 minutos).*

WILLIAM KLEIN À LUZ DO CINEMA | SESSÃO DE ANTECIPAÇÃO

em colaboração com o MAAT – Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia articulado com a exposição “O Mundo Inteiro É um Palco”

Artista visual de Nova Iorque radicado em Paris, William Klein (1926-2022) é reconhecido pela experimentação e influência de um trabalho de décadas, entre finais dos anos 1940 e o princípio dos anos 2020. Foi um dos mais relevantes fotógrafos do pós-guerra e trabalhou muito, nas suas imagens, a perspetiva da reportagem e da moda, mas as facetas múltiplas da sua obra são um traço distintivo em que cabem a arte abstrata, a fotografia, o cinema, a escrita, o grafismo ou a edição. Antecipando uma retrospectiva do seu trabalho no cinema, esta sessão de outubro, reúne dois títulos: *BROADWAY BY LIGHT* e *GRANDS SOIRS ET PETITS MATINS* – um célebre estudo da luz a partir da nova-iorquina Broadway e um pouco conhecido olhar documental do Maio de 68 construído, em direto, em Paris, sobre um dos mais vibrantes momentos políticos da segunda metade do século XX europeu. Propondo um programa expressivo do trabalho cinematográfico de William Klein, a retrospectiva, a decorrer na Cinemateca, no mês de janeiro de 2025, contará com dez sessões distintas e um total de dezassete filmes. É organizada em colaboração com o MAAT, em Lisboa, em diálogo com a exposição “William Klein – O Mundo Inteiro É um Palco” patente até 27 de janeiro próximo.

► Terça-feira [15] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

BROADWAY BY LIGHT

de William Klein

França, 1958 – 10 min / sem diálogos

GRANDS SOIRS ET PETITS MATINS

de William Klein

França, 1968-78 – 98 min

duração total da projeção: 108 min

legendado eletronicamente em português | M/12

SESSÃO APRESENTADA POR SÉRGIO MAH

Primeiro trabalho cinematográfico de William Klein em finais dos anos 1950, *BROADWAY BY LIGHT* é um colorido estudo noturno da Broadway, numa Times Square eletrizada. Dez minutos incandescentes, sem diálogos, com música de Maurice Leroux, produção de Anatole Dauman, o apoio de Alain Resnais, um curto texto inicial de Chris Marker: “Os americanos inventaram o jazz para se consolarem da morte, a estrela para se consolarem da mulher. Para se consolarem da noite, inventaram a Broadway.” Orson Welles fez-lhe o elogio como o primeiro filme em que via, na cor, um elemento absolutamente necessário. Posterior em dez anos, *GRANDS SOIRS ET PETITS MATINS* é um filme do Maio de 68, rodado a preto-e-branco em película 16 mm, câmara à mão, no parisiense Quartier Latin: as manifestações de estudantes e trabalhadores, as barricadas, assembleias, debates, utopias, palavras de ordem desse histórico maio foram filmados em modo cinema direto no curso de quinze dias; o filme foi construído em duas partes em seis meses de montagem. “O título *GRANDS SOIRS* – ‘a revolução’ – e *PETITS MATINS* – ‘a ressaca’ – permitiu-me mostrar o que estava a acontecer. Eu era muito solidário com os estudantes, mas crítico da fantasia.” (William Klein, 2015) É um dos títulos menos vistos da filmografia de Klein, a apresentar pela primeira vez na Cinemateca.

DIA MUNDIAL DO PATRIMÓNIO AUDIOVISUAL

A Cinemateca volta a celebrar o Dia Mundial do Património Audiovisual, sempre comemorado pelos membros da FIAF – Federação Internacional dos Arquivos de Filmes a 27 de outubro. Assim se evoca a data em que, na Assembleia Geral de Belgrado em 1980, a UNESCO adotou a *Recomendação para a Salvaguarda e a Conservação das Imagens em Movimento*. Em 2024, comemoramos a data com um dos mais extraordinários filmes de Michael Powell, *PEEPING TOM*, a exibir em versão digital restaurada, e com *FILM, THE LIVING RECORD OF OUR MEMORY*, viagem pelos desafios presentes e futuros que se colocam às cinematecas de todo o mundo na continuação da sua missão originária.

► Sábado [26] 17h00 | Sala M. Félix Ribeiro

PEEPING TOM

A Vítima do Medo

de Michael Powell

com Karlheinz Bohm, Moira Shearer, Anna Massey

Reino Unido, 1960 - 101 min / legendado eletronicamente em português | M/12

O filme “maldito” de Michael Powell, que deu cabo da sua carreira e a que só muito tempo depois se prestaram as devidas honras. Um dos mais intensos estudos sobre a paranoia e também sobre o cinema, através da história de um jovem cineasta amador cuja obsessão pela morte o transforma num assassino para filmar *in extremis* as reações das vítimas. A apresentar em cópia digital restaurada em 4K.

► Segunda-feira [28] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

FILM, THE LIVING RECORD OF OUR MEMORY

de Inés Toharia Terán

Espanha, Canadá, 2021 - 120 min / legendado eletronicamente em português | M/12

COM A PRESENÇA DE INÉS TOHARIA TERÁN

“Porque é que ainda conseguimos ver imagens em movimento captadas há mais de 125 anos?” Através do testemunho de vários profissionais que trabalham na conservação e digitalização de imagens em movimento (nomeadamente em cinematecas de todo o mundo), *FILM, THE LIVING RECORD OF OUR MEMORY* fala-nos sobre a importância da conservação e preservação do património audiovisual e dos desafios presentes e futuros que se lhe colocam.

COM A LINHA DE SOMBRA

Este mês assinalamos a publicação de um livro da coleção *Cadernos da Cinemateca* dedicado a Ernie Gehr, cuja obra foi objeto de uma retrospectiva em maio de 2022, a qual contou com a presença do cineasta. A edição inclui um texto de Joana Ascensão, programadora do Ciclo e organizadora do livro, dois ensaios dos historiadores P. Adams Sitney e Ken Eisenstein (o segundo dos quais original), uma longa conversa do cineasta com o crítico Scott MacDonald, e uma montagem de imagens propositadamente concebida por Gehr. Regressamos assim à obra de um dos mais relevantes autores do cinema de *avant-garde* norte-americano que, tendo começado a explorar, ainda em meados dos anos sessenta, a natureza e as propriedades do cinema, prolonga hoje essa abordagem no contexto do seu trabalho com o vídeo digital. Na sessão que acompanha o lançamento do livro, apresentamos *SIDE/WALK/SHUTTLE*, um “clássico” do cinema experimental, seguido de *THIS SIDE OF PARADISE*, *AUTUMN* e *HIGH-WIRE ACT*, o último dos quais datado de 2023. Todos os filmes são apresentados nos seus suportes originais (película 16mm e vídeo digital).

► Quinta-feira [31] 18h30 | Sala Luís de Pina

SIDE/WALK/SHUTTLE

Estados Unidos, 1991 - 41 min

THIS SIDE OF PARADISE

Estados Unidos, 1991 - 14 min

AUTUMN

Estados Unidos, 2017 - 30 min

HIGH-WIRE ACT

Estados Unidos, 2023 - 4 min

filmes de Ernie Gehr

duração total da projeção: 89 min / som, sem legendas | M/12

SIDE/WALK/SHUTTLE é um vertiginoso estudo das topografias peculiares de São Francisco, revelando-se como uma sinfonia urbana inspirada pelo interesse de Ernie Gehr pela paisagem citadina e por reflexões em torno de uma vida em constante movimento. Filmado através de um elevador de vidro de exterior, ao longo das suas subidas e descidas, e explorando as possibilidades visuais e gravitacionais por ele proporcionadas, Gehr produziu uma obra admirável que, como afirmou P. Adams Sitney, “pode ser o mais espetacular exemplo da reformulação inventiva do mundo a partir de uma plataforma em movimento.” *THIS SIDE OF PARADISE* foi realizado no chamado “mercado polaco” de Potsdamer Platz, em Berlim Ocidental, pouco tempo antes da queda do muro, revelando-nos uma atmosfera singular que, “como uma mágica bola de cristal, reflete tanto o passado como o futuro” (Gehr). Como escreveu Tony Pipolo, referindo-se a *AUTUMN* como um dos melhores trabalhos do cineasta nos últimos anos, “as ressonâncias históricas e sociais do trabalho de Gehr são palpáveis na densidade das suas composições vivas”, registadas numa cidade em plena transformação. Ou, segundo as palavras do próprio artista, “à medida que as folhas de outono caem, um retorno afetivo ao Lower East Side” (Nova Iorque). Relativamente a *HIGH-WIRE ACT*, um dos seus filmes mais recentes, Gehr propõe que nos deixemos “surpreender pela imagem e pelo que ela nos oferece”. Os quatro filmes são apresentados nos seus suportes originais, os dois primeiros em película 16mm, e os dois mais recentes em vídeo digital. Primeiras apresentações na Cinemateca, com exceção de *SIDE/WALK/SHUTTLE*. A projeção é precedida pela apresentação do livro dedicado a Ernie Gehr.

ANTE-ESTREIA

Apresentamos este mês nesta rubrica o mais recente filme de Margarida Gil: *MÃOS NO FOGO*.

► Terça-feira [01] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

MÃOS NO FOGO

de Margarida Gil

com Ricardo Aibéo, Carolina Campanela,

Elgar do Rosário, Rita Durão

Portugal, 2024 - 109 min | M/12

COM A PRESENÇA DE MARGARIDA GIL

Maria do Mar, uma jovem estudante de cinema, encara o mundo com cândida ingenuidade, confiando inabalavelmente no “visível”. No Douro para realizar um documentário sobre os velhos solares da região, Mar confronta-se com os horrores que se escondem por detrás da beleza de uma dessas mansões. O mais recente filme de Margarida Gil teve a sua primeira apresentação no festival de Berlim (secção Encounters) e chega às salas comerciais em Portugal no dia 3 de outubro.

O QUE QUERO VER

Para ver em outubro, *À PROPOS DE NICE, LA SUITE*, homenagem ao lendário filme de Jean Vigo em sete *sketches* assinados por oito celebrados realizadores (entre os quais Raúl Ruiz).

► Terça-feira [15] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

À PROPOS DE NICE, LA SUITE

de Catherine Breillat, Costa-Gavras, Claire Denis,

Raymond Depardon, Abbas Kiarostami, Parviz

Kimiavi, Pavel Lungin, Raúl Ruiz

França, 1995 - 100 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Antologia composta por curtas-metragens autónomas, *À PROPOS DE NICE, LA SUITE* presta homenagem ao filme homónimo de Jean Vigo. 55 anos decorridos sobre esse filme, voltamos a descobrir a cidade de Nice através de realizadores reunidos numa surpreendente assembleia de nomes muito díspares. Primeira exibição na Cinemateca.

INADJECTIVÁVEL

“entre tantas, tantas outras coisas de beleza inadjectivável” (João Bénard da Costa)

► Quarta-feira [30] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

TRÖLLFLÖJTEN

A Flauta Mágica

de Ingmar Bergman

com Josef Köstlinger, Håkan Hagegard,

Irma Urrila, Ulric Cold

Suécia, 1974 - 137 min / legendado em português | M/6

Ao filmar a ópera de Mozart (cantada em sueco e não no alemão original), Bergman decidiu filmar não a ópera, mas uma representação dela. Ou seja, estamos num teatro, com os seus bastidores, o seu público e o seu palco, a léguas da opção que fizeram quase todos os cineastas que filmaram óperas, que consiste em transpor a ação para cenários naturais e “cinematográficos”. À fidelidade ao compositor acrescenta-se a modernidade do conceito do realizador. Bergman, como Mozart, conseguiu o milagre da mais aparente simplicidade com o máximo de construção e elaboração. A exibir em versão digital.

01 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

STAGECOACH
de John Ford

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JOSÉ NASCIMENTO – NEM VERDADE NEM MENTIRA

PILOTOS DA BARRA TARDE DEMAIS
de José Nascimento

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | RAÚL RUIZ - A IMAGEM ESTILHAÇADA

DANS UN MIRROIR
de Raúl Ruiz

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ANTE-ESTREIA

MÃOS NO FOGO
de Margarida Gil

02 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

WILD RIVER
de Elia Kazan

18H30 | SALA LUÍS DE PINA | RAÚL RUIZ - A IMAGEM ESTILHAÇADA

BALLET ACQUATIQUE
AGATHOPEDIA
de Raúl Ruiz

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JOSÉ NASCIMENTO – NEM VERDADE NEM MENTIRA

NASCKER, VIVER, MORRER...
de Cinequipa (José Nascimento)
HORA DA MORTE
de José Nascimento

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

VREMENA GODA
"As Estações"
de Artavazd Pelechian
TRÁS-OS-MONTES
de António Reis, Margarida Cordeiro

03 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

AKASEN CHITAI
A Rua da Vergonha
de Kenji Mizoguchi

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JOSÉ NASCIMENTO – NEM VERDADE NEM MENTIRA

TERRA DE PÃO, TERRA DE LUTA
T2QUARTOANDAR
de José Nascimento

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | RAÚL RUIZ - A IMAGEM ESTILHAÇADA

CHACUN SON CINÉMA OU CE PETIT COUP AU COEUR QUAND LA LUMIÈRE S'ÉTEINT ET QUE LE FILM COMMENCE (LE DON)
À PROPOS DE NICE, LA SUITE (PROMENADE)
filmes de Raúl Ruiz
CAPÍTULO 66
de Luis Ospina, Raúl Ruiz
BRISE-GLACE - LE BATEAU-GIVRE
de Raúl Ruiz, Jean Rouch, Titte Törnroth

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JOSÉ NASCIMENTO – NEM VERDADE NEM MENTIRA / IN MEMORIAM AUGUSTO M. SEABRA

MANOEL DE OLIVEIRA: 50 ANOS DE CARREIRA
de Augusto M. Seabra, José Nascimento
TV ARTES (excertos)
de Alexandre Melo, Isabel Colaço, José Nascimento

04 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

LA BELLE ÉQUIPE
de Julien Duvivier

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JOSÉ NASCIMENTO – NEM VERDADE NEM MENTIRA

...PELA RAZÃO QUE TÊM!
de José Nascimento
ECRAN – “A MÚSICA NO CINEMA”
de José Nascimento, Augusto M. Seabra

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | RAÚL RUIZ - A IMAGEM ESTILHAÇADA

QUE HACER!
de Raúl Ruiz, Saul Landau, Nina Serrano

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

WILD RIVER
de Elia Kazan

07 SEGUNDA-FEIRA

16H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

SWEET SIXTEEN
de Ken Loach

18H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | INDEPENDÊNCIAS NOS ARQUIVOS ITALIANOS

LABANTA NEGRO!
de Piero Nelli
AFRICA NERA, AFRICA ROSSA (1º episódio)
de Carlo Lizzani

19H00 | SALA LUÍS DE PINA | RAÚL RUIZ - A IMAGEM ESTILHAÇADA

PETIT MANUEL D'HISTOIRE DE FRANCE
de Raúl Ruiz

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | INDEPENDÊNCIAS NOS ARQUIVOS ITALIANOS

AFRICA NERA, AFRICA ROSSA (2º e 3º episódios)
de Carlo Lizzani

08 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

UÇ MAYMUN
Os Três Macacos
de Nuri Bilge Ceylan

18H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | INDEPENDÊNCIAS NOS ARQUIVOS ITALIANOS

I DANNATI DELLA TERRA
de Valentino Orsini

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | JOSÉ NASCIMENTO – NEM VERDADE NEM MENTIRA

QUATRO EPISÓDIOS DA SÉRIE BINÁRIO: COM... ERIK SATIE (1866-1925) VAMOS SATIAR... JULMAR 5 VIRGÍNIA E A PUBLICIDADE... VINTE MINUTOS COM IGOR STRAWINSKY
de Juventude Musical Portuguesa, José Nascimento

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | INDEPENDÊNCIAS NOS ARQUIVOS ITALIANOS

PORTOGALLO: PAESE TRANQUILLO
de Joaquìn Jordà
MADINA BOE
de José Massip
DIECI GIORNI CON I GUERRIGLIERI DEL MOZAMBICO LIBERO
de Franco Cigarini

09 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

ONCE A THIEF
de Ralph Nelson

18H30 | SALA LUÍS DE PINA | INDEPENDÊNCIAS NOS ARQUIVOS ITALIANOS

A PROPOSITO DELL'ANGOLA
de Stefano de Stefani, Augusta Conchiglia

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O MODERNO CINEMA DA BULGÁRIA: DIÁLOGOS COM O PASSADO

KOZIYAT ROG
“O Corno de Cabra”
de Metodi Andonov

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JOSÉ NASCIMENTO – NEM VERDADE NEM MENTIRA

A MÃO DADA
de Cinequipa (José Nascimento)
MAR À VISTA
de José Nascimento

10 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

STRAIGHT TIME
de Ulu Grosbard

18H30 | SALA LUÍS DE PINA | INDEPENDÊNCIAS NOS ARQUIVOS ITALIANOS

MAPUTO
de Elena Bedei
RECONSTRUÇÃO, EDUCAÇÃO
de Serge Michel, Florentino Flora Gomes, Sana na N'Hada, José Bolama, Josefina Crato
NO PINTCHA
de Sergio Spina

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JOSÉ NASCIMENTO – NEM VERDADE NEM MENTIRA

JARDIM DAS FIGURAS
de Ensaio (José Nascimento)
REPÓRTER X
de José Nascimento

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O MODERNO CINEMA DA BULGÁRIA: DIÁLOGOS COM O PASSADO

MORETO
“O Mar”
de Petar Donev

11 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O MODERNO CINEMA DA BULGÁRIA: DIÁLOGOS COM O PASSADO

KOZIYAT ROG
“O Corno de Cabra”
de Metodi Andonov

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | INDEPENDÊNCIAS NOS ARQUIVOS ITALIANOS

QUEIMADA!

de Gillo Pontecorvo

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | JOSÉ NASCIMENTO – NEM VERDADE NEM MENTIRA

RÁDIO MACAU: CINCO VIDEOCLIPES DO ÁLBUM “8”
RÁDIO RELÂMPAGO
de José Nascimento

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O MODERNO CINEMA DA BULGÁRIA: DIÁLOGOS COM O PASSADO

A BYAHME MLADI
“Éramos Jovens”
de Binka Jeliaskova

12 SÁBADO

11H00 | SALA DE LEITURA DA BIBLIOTECA | CINEMATECA JÚNIOR | OFICINA

BRINQUEDOS ÓTICOS: UM AUTÓMATO TAUMATRÓPIO

15H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMATECA JÚNIOR-SÁBADOS EM FAMÍLIA / O MODERNO CINEMA DA BULGÁRIA: DIÁLOGOS COM O PASSADO

KUCHE V CHEKMEDZHE
“Um Cão na Gaveta”
de Dimitar Petrov

17H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O MODERNO CINEMA DA BULGÁRIA: DIÁLOGOS COM O PASSADO

MORETO
“O Mar”
de Petar Donev

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | JOSÉ NASCIMENTO – NEM VERDADE NEM MENTIRA

LE JARDIN DES OISEAUX
de Ana Pissarra, José Nascimento
SILÊNCIOS DO OLHAR
de José Nascimento

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JOSÉ NASCIMENTO – NEM VERDADE NEM MENTIRA

ESPELHOS
de José Nascimento
O BOBO
de José Álvaro Morais

14 SEGUNDA-FEIRA

16H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O MODERNO CINEMA DA BULGÁRIA: DIÁLOGOS COM O PASSADO

OTKLONENIE
“Desvio”
de Grisha Ostrovski, Todor Stoyanov

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JOSÉ NASCIMENTO – NEM VERDADE NEM MENTIRA

GLÓRIA
LOBOS
de José Nascimento

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | RAÚL RUIZ - A IMAGEM ESTILHAÇADA

UNE PLACE PARMi LES VIVANTS
de Raúl Ruiz

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O MODERNO CINEMA DA BULGÁRIA: DIÁLOGOS COM O PASSADO

VSICHTKO E LYUBOV
“Tudo É Amor”
de Borislav Sharaliev

15 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

BOOK CHON BANG HYANG
“O Dia em que Ele Chega”
de Hong Sang-soo

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | WILLIAM KLEIN À LUZ DO CINEMA SESSÃO DE ANTECIPAÇÃO

BROADWAY BY LIGHT
GRANDS SOIRS ET PETITS MATINS
de William Klein

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | JOSÉ NASCIMENTO – NEM VERDADE NEM MENTIRA

A LUZ DE LISBOA
de José Nascimento
BRISA SOLAR
de Ana Pissarra, José Nascimento

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | QUE QUERO VER

À PROPOS DE NICE, LA SUITE
de Catherine Breillat, Costa-Gavras, Claire Denis, Raymond Depardon, Abbas Kiarostami, Parviz Kímiavi, Pavel Lungin, Raúl Ruiz

16 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

GÖTTER DER PEST
“Os Deuses da Peste”
de Rainer W. Fassbinder

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O MODERNO CINEMA DA BULGÁRIA: DIÁLOGOS COM O PASSADO

LACHENITE OBUVKI NA NEZNAYNIYA VOIN
O Soldado Desconhecido
de Rangel Valchanov

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | JOSÉ NASCIMENTO – NEM VERDADE NEM MENTIRA

ECRAN – “HITCHCOCK, PABST E ANA E ALEXANDRE”
de José Nascimento e Augusto M. Seabra
CASA FLUTUANTE
de José Nascimento

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

ESPELHO MÁGICO
de Manoel de Oliveira

17 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O MODERNO CINEMA DA BULGÁRIA: DIÁLOGOS COM O PASSADO

KUCHE V CHEKMEDZHE
“Um Cão na Gaveta”
de Dimitar Petrov

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JOSÉ NASCIMENTO – NEM VERDADE NEM MENTIRA

TAVIRA ISLÂMICA
de José Nascimento
NAÇARA, UMA E OUTRA VEZ
de Ana Pissarra, José Nascimento

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | RAÚL RUIZ - A IMAGEM ESTILHAÇADA

LA MAISON NUCINGEN
de Raúl Ruiz

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

UÇ MAYMUN
Os Três Macacos
de Nuri Bilge Ceylan

18 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: OUTRAS SESSÕES

ICI ET AILLEURS
de Jean-Luc Godard, Anne Marie-Miéville
DE PALESTIJNEN
de Johan van der Keuken

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: PAUL LEDUC

REED, MÉXICO INSURGENTE
de Paul Leduc

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

STRAIGHT TIME
de Ulu Grosbard

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: PAUL LEDUC

CRÓNICA DE UN REVENTÓN COBRADOR. IN GOD WE TRUST
de Paul Leduc

19 SÁBADO

15H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMATECA JÚNIOR - SÁBADOS EM FAMÍLIA

SUR LE CHEMIN DE L'ÉCOLE
de Pascal Plisson

16H00 | SALA LUÍS DE PINA | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: PAUL LEDUC

MESA-REDONDA - UMA REVISÃO DA OBRA DO AUTOR PAUL LEDUC

17H30 | SALA LUÍS DE PINA | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: PAUL LEDUC

COMUNICADOS 1, 2 Y 4 DEL CONSEJO NACIONAL DE HUELGA HURBANISTORIAS (SIC)
de Paul Leduc

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | I A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: OUTRAS SESSÕES

TRAITÉ DE BAVE ET D'ÉTERNITÉ
de Isidore Isou

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: PAUL LEDUC

PSICOPROFILAXIS EXTENSIÓN CULTURAL EL GENERAL CONSTANTE Y LA BELLA FÉFERES LOS ANIMALES
de Paul Leduc

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: PAUL LEDUC

ETNOCIDIO. NOTAS SOBRE EL MEZQUITAL
de Paul Leduc

21 SEGUNDA-FEIRA

16H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: PAUL LEDUC

BACH Y SUS INTÉRPRETES LA FLAUTA DE BARTOLO O LA INVENCIÓN DE LA MÚSICA PRIMER ENCUENTRO CONTINENTAL DE LA PLURALIDAD
de Paul Leduc

18H00 | LUÍS DE PINA | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: OUTRAS SESSÕES

MESA-REDONDA SOBRE O RESTAURO DE "UM É POUCO, DOIS É BOM"

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: PAUL LEDUC

HISTORIAS PROHIBIDAS DE PULGARCITO
de Paul Leduc

19H30 | LUÍS DE PINA | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: OUTRAS SESSÕES

UM É POUCO, DOIS É BOM
de Odilon Lopez

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: PAUL LEDUC

LA PAUTA DE BARTOLO O LA MÚSICA DEL SIGLO XX FRIDA, NATURALEZA VIVA
de Paul Leduc

22 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: PAUL LEDUC

MONJAS CORONADAS BARROCO
de Paul Leduc

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: PAUL LEDUC

RELIGIÓN EN MÉXICO: CHIAPAS
de Cine 70 (Paul Leduc)
LATINO BAR
de Paul Leduc

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: PAUL LEDUC

PSICOPROFILAXIS EXTENSIÓN CULTURAL EL GENERAL CONSTANTE Y LA BELLA FÉFERES LOS ANIMALES
de Paul Leduc

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: OUTRAS SESSÕES

UM É POUCO, DOIS É BOM
de Odilon Lopez

23 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: PAUL LEDUC

COMUNICADOS 1, 2 Y 4 DEL CONSEJO NACIONAL DE HUELGA REED, MÉXICO INSURGENTE
de Paul Leduc

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: PAUL LEDUC

MONJAS CORONADAS BARROCO
de Paul Leduc

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: OUTRAS SESSÕES

LOOKING FOR ROBERT
de Richard Copans

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: PAUL LEDUC

RELIGIÓN EN MÉXICO: CHIAPAS
de Cine 70 (Paul Leduc)
LATINO BAR
de Paul Leduc

24 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: PAUL LEDUC

SUR SURESTE: 2604 DOLLAR MAMBO
de Paul Leduc

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: OUTRAS SESSÕES

EFFECTOS DE FAMILIA
de Edgardo Aragón
DOKFAH NAI MEU MAAN | A MYSTERIOUS OBJECT AT NOON
"Um Objeto Misterioso ao Meio-Dia"
de Apichatpong Weerasethakul

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: PAUL LEDUC

BACH Y SUS INTÉRPRETES LA FLAUTA DE BARTOLO O LA INVENCIÓN DE LA MÚSICA PRIMER ENCUENTRO CONTINENTAL DE LA PLURALIDAD
de Paul Leduc

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: PAUL LEDUC

HURBANISTORIAS (SIC) ¿CÓMO VES?
de Paul Leduc

25 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: PAUL LEDUC

ETNOCIDIO. NOTAS SOBRE EL MEZQUITAL
de Paul Leduc

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: OUTRAS SESSÕES

IF AND ONLY IF
de Anri Sala
MON CAS
de Manoel de Oliveira

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: PAUL LEDUC

SUR SURESTE: 2604 DOLLAR MAMBO
de Paul Leduc

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: PAUL LEDUC

HISTORIAS PROHIBIDAS DE PULGARCITO
de Paul Leduc

26 SÁBADO

15H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMATECA JÚNIOR - SÁBADOS EM FAMÍLIA

BIG BUSINESS
de James W. Horne
WRONG AGAIN
de Leo McCarey

17H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DIA MUNDIAL DO PATRIMÓNIO AUDIOVISUAL

PEEPING TOM
de Michael Powell

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: OUTRAS SESSÕES

LOOKING FOR ROBERT
de Richard Copans

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: PAUL LEDUC

CRÓNICA DE UN REVENTÓN COBRADOR. IN GOD WE TRUST
de Paul Leduc

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: PAUL LEDUC

LA PAUTA DE BARTOLO O LA MÚSICA DEL SIGLO XX FRIDA, NATURALEZA VIVA
de Paul Leduc

28 SEGUNDA-FEIRA

16H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O MODERNO CINEMA DA BULGÁRIA: DIÁLOGOS COM O PASSADO

VSICHKO E LYUBOV "Tudo é Amor"
de Borislav Sharaliev

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DIA MUNDIAL DO PATRIMÓNIO AUDIOVISUAL

FILM, THE LIVING RECORD OF OUR MEMORY
de Inés Toharia Terán

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

SWEET SIXTEEN
de Ken Loach

22H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

SOIS BELLE ET TAIS-TOI!
de Delphine Seyrig

29 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O MODERNO CINEMA DA BULGÁRIA: DIÁLOGOS COM O PASSADO

OTKLONENIE "Desvio"

de Grisha Ostrovski, Todor Stoyanov

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

ONCE A THIEF
de Ralph Nelson

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

TIO RUI MARIA SEM PECADO A VOLTA DA REVOLTA
de Mário Macedo

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

AKASEN CHITAI "A Rua da Vergonha"
de Kenji Mizoguchi

30 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O MODERNO CINEMA DA BULGÁRIA: DIÁLOGOS COM O PASSADO

LACHENITE OBUVKI NA NEZNAJNIYA VOIN
O Soldado Desconhecido
de Rangel Valchanov

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

BOOK CHON BANG HYANG "O Dia em que Ele Chega"
de Hong Sang-soo

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

SOIS BELLE ET TAIS-TOI!
de Delphine Seyrig

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | INADJECTIVÁVEL

TRÖLLFLÖJTEN
A Flauta Mágica
de Ingmar Bergman

31 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O MODERNO CINEMA DA BULGÁRIA: DIÁLOGOS COM O PASSADO

A BYAHME MLADI "Éramos Jovens"
de Binka Jeliaskova

18H30 | SALA LUÍS DE PINA | COM A LINHA DE SOMBRA

SIDE/WALK/SHUTTLE THIS SIDE OF PARADISE
AUTUMN HIGH-WIRE ACT
de Ernie Gehr

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

GÖTTER DER PEST "Os Deuses da Peste"
de Rainer W. Fassbinder

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

LA BELLE ÉQUIPE
de Julien Duvivier

PROGRAMA SUJEITO A ALTERAÇÕES

Preço dos bilhetes: 3,20 euros

Estudantes/Cartão jovem, Reformados e Pensionistas > 65 anos - 2,15 euros

Amigos da Cinemateca/Estudantes de Cinema - 1,35 euros

Amigos da Cinemateca / marcação de bilhetes: tel. 213 596 262

Horário da bilheteira:14h30-15h30 e das 17h30-22h | Sábados 14h-21h30

Venda online em cinemateca.bol.pt

Informação diária sobre a programação em www.cinemateca.pt

Classificação Geral dos Espetáculos: IGAC

Rua Barata Salgueiro, 39 - 1269-059 Lisboa | www.cinemateca.pt

BIBLIOTECA

Segunda-feira/Sexta-feira, 14:00 - 19:30

ESPAÇO 39 DEGRAUS

Livraria LINHA DE SOMBRA | Segunda-feira/Sábado, 14:00 - 22:00 (213 540 021)

Restaurante-Bar, Segunda-feira/Sábado, 12:30 - 01:00

Transportes: Metro: Marquês de Pombal, Avenida

Bus: 736, 744, 709, 711, 732, 745

Disponível estacionamento para bicicletas

VENDA DE BILHETES

BILHETEIRA LOCAL (ed. Sede - Rua Barata Salgueiro, nº 39)

Segunda a Sexta-feira, 14h30-15h30 e das 17h30-22h | Sábados 14h-21h30

BILHETEIRA ON-LINE www.cinemateca.bol.pt

MODOS DE PAGAMENTO DISPONÍVEIS: Multibanco (*) - MB Way - Cartão de Crédito - Paypal (**) (*) O pagamento através de Referência Multibanco tem um custo adicional de 0,50€ para montantes inferiores a 10,00 € (**) O pagamento através de Paypal tem um custo adicional de 0,40€ para montantes inferiores a 30,00€ A aquisição de bilhetes em www.cinemateca.bol.pt e nos pontos de venda aderentes tem custos de operação associados no valor de 6%, acrescidos de IVA, sobre o valor total da compra.

MAIS INFORMAÇÕES: https://www.bol.pt/Ajuda/CondicoesGerais

PONTOS DE VENDA ADERENTES (consultar lista em https://www.bol.pt/Projecto/PontosVenda)